



UFPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Rafaela Cunha Costa

MARCAÇÃO DE POSSE EM LATUNDÊ

Recife
2018

RAFAELA CUNHA COSTA

MARCAÇÃO DE POSSE EM LATUNDÊ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Área de Concentração: Linguística

Orientadora: Prof^{fa} Dr^a Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima.

Recife
2018

C837m Costa, Rafaela Cunha
 Marcação de posse em Latundê / Rafaela Cunha Costa. – Recife, 2018.
 91 f.: il., fig.

Orientadora: Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima.
 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro
 de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.

Inclui referências.

1. (In)Alienabilidade. 2. Latundê. 3. Nambikwára. 4. Posse nominal. I.
 Lima, Stella Virginia Telles de Araújo Pereira (Orientadora). II. Título.

410 CDD (22.ed.) UFPE (CAC 2018-199)

RAFAELA CUNHA COSTA

MARCAÇÃO DE POSSE EM LATUNDÊ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em LINGUÍSTICA.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM 28/8/2018

Prof^a. Dr^a. Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima
Orientadora – LETRAS - UFPE

Prof^a. Dr^a. Gláucia Renata Pereira do Nascimento
LETRAS - UFPE

Prof^a. Dr^a. Kátia Nepomuceno Pessoa
PEDAGOGIA-LICENCIATURA - UFPE/CARUARU

Dedico este trabalho ao povo Latundê, cuja
língua estudo há sete anos e ainda não tive
a honra de conhecê-los pessoalmente.

À minha família, meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é uma das mais belas virtudes que um ser humano possa desenvolver ao longo da vida, pois, ser grato, significa reconhecer que tudo o que fazemos, conseguimos e encontramos só é possível porque há pessoas que, em muitos momentos da nossa jornada, colocam-se à disposição para nos ajudar. Reconhecer que essas pessoas existem é deixar de lado o egoísmo. Quero deixar aqui os meus sinceros agradecimentos às pessoas que contribuíram para que eu realizasse e concluísse essa pesquisa.

Primeiramente, agradeço a minha família. Ao meu pai, Rogério, que não faz a mínima ideia do que é um mestrado, mas ficou feliz em saber que eu estava em um e sempre me apoiou nas decisões. À minha mãe, Célia, que mesmo sem saber juntar as palavras e lê-las me ensinou as primeiras letras acreditando que eu teria um futuro diferente, e por ser a única que, em casa, controlava meus estudos com perguntas como: você estudou hoje? Falta muito? Ao meu sobrinho, Davi, o responsável pelos meus únicos momentos de lazer nesses dois anos. À minha irmã, Fernanda, pela amizade.

À minha professora e orientadora deste trabalho Stella Telles, uma pessoa que tem tanta paixão pelo que faz que acaba nos contagiando. Uma pessoa linda por dentro e por fora, que me deu o enorme prazer em acompanhá-la durante os últimos oito anos (em monitorias, PIBIC, monografia e dissertação), estudando línguas indígenas, e que teve e tem toda paciência e dedicação em orientar a mim e a qualquer pessoa que queira fazer parte do universo das línguas indígenas. Serei eternamente grata por sua confiança.

À minha madrinha, mãe e amiga, Alcione, por não deixar minha autoestima baixar nos momentos difíceis, por sempre acreditar em mim, pelo incentivo aos estudos no mundo acadêmico, pela grande amizade e pela inspiração que me dá por ser uma pessoa íntegra. Agradeço a Alcenira, Aurinha e D. Tereza, minha segunda família, pela amizade e incentivo.

Ao meu amigo e grande irmão, Luiz, pelas contribuições neste e em outros trabalhos, por caminhar comigo durante todo o curso de mestrado e por dividir comigo um dos momentos mais loucos da minha vida.

A todo pessoal que fez e faz parte do NEI, uma família que só faz crescer. Obrigada pela partilha das experiências vividas em campo, pelas dúvidas tiradas, pelo auxílio em todas as horas: Edney, que colaborou com esse trabalho, mandando informações acerca do que ele encontrou sobre posse em sua ida a campo, Marília, Paulinha, Sivaldo, obrigada. Agradeço a Gabriela Braga, pelas conversas à distância, pela disponibilidade e contribuição nesse trabalho.

A Kátia Nepomuceno, professora que esteve presente na minha qualificação e que colaborou com dicas e sugestões fundamentais para este trabalho. E a professora Gláucia Renata, pela grandíssima contribuição durante a defesa.

Ao PPGL e a todos os professores que fazem parte desse programa, em especial aos professores das disciplinas cursadas.

À Escola Dom Bosco, escola que me acolheu de braços abertos e que não se importou com a minha falta de experiência profissional, em especial agradeço ao Padre Gilvan, Mirelly, Jaqueline, Wagner, a todos os professores e profissionais da escola e a Fernanda (coordenadora pedagógica), que fez de tudo para que eu conseguisse conciliar o horário da escola com as aulas do mestrado no primeiro mês de curso.

À FACEPE, por me conceder a bolsa de pesquisa que possibilitou minha dedicação integral no meu primeiro ano de curso.

Ao Campus de pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi e aos pesquisadores Joshua Birchall e Hein Van der Voort por ter recepcionado a mim e ao Luiz de forma acolhedora e pelos dados disponibilizados sobre os Latundê.

E por último, agradeço a Deus, Pai eterno e todo poderoso. Não por ele ser menos importante, pelo contrário, mas por ter me dado forças para ter chegado até aqui e por ter colocado todas essas pessoas no meu caminho, fazendo com que cada uma delas alegrasse mais os meus dias e contribuísse com a minha formação pessoal e acadêmica.

Muito obrigada a todos!

RESUMO

O objetivo central desta pesquisa centrou-se na descrição das marcas de posse no nome em Latundê, comparando-as com as marcas possessivas das línguas pertencentes a família Nambikwára. Como a posse é marcada morfológicamente no nome, foi importante apresentar a estrutura nominal nessa e nas outras línguas da família para fins de comparação e identificação de como as línguas são estruturadas nominalmente. Para tanto, foi necessário buscar na literatura sobre a tipologia das línguas os conceitos que contribuem para a interpretação acerca das expressões possessivas nas línguas do mundo. Assim, partindo dos estudos de Heine (1997), viu-se a ideia de posse como domínio universal. Os trabalhos de Dixon (2000), Stassen (2009) e Nichols (1988), entre outros, possibilitou-nos compreender o conceito de alienabilidade e inalienabilidade marcados morfológicamente, ou não, nas línguas. Com o intuito de apresentar a descrição da expressão de posse em Latundê, utilizou-se o trabalho de Telles (2002), além dos dados gravados *in loco* por ela, e de dados mais recentes, de 2016, que fazem parte do Instituto de Pesquisa do Museu Emílio Goeldi/PA. Com a finalidade de comparar o Latundê com as outras línguas Nambikwára, que possuem estudos morfológicos realizados, buscou-se nos trabalhos de Borella (2000), com a língua Sararé; Kroeker (2001), com os Nambikwára do Sul; Araújo (2004), que realizou a pesquisa com o Sabanê; Eberhard (2009), com o trabalho sobre o Mamaindê; e em conversas com Braga sobre a posse no Negarotê, as principais características sobre essas línguas. As línguas estudadas apresentaram muita semelhança no que diz respeito a estrutura nominal e à marcação possessiva.

PALAVRAS-CHAVE: (In)Alienabilidade. Latundê. Nambikwára. Posse nominal.

ABSTRACT

The main objective of this research centers on the description of the possessive markers in Latundê nouns, comparing them with the possessive markers of the languages belonging to the Nambikwára family. Since possession is morphologically marked in nouns, it was important to present the nominal structure in this language as well as in the other family languages for comparison and identification purposes of how languages are nominally structured. Therefore, it was necessary to search in the literature on the typology of languages the concepts that contribute to the interpretation about the possessive expressions in the languages of the world. Thus, starting from the studies of Heine (1997), the idea of possession as universal domain was observed. The works of Dixon (2000), Stassen (2009) and Nichols (1988), among others, enabled us to understand the concept of alienability and inalienability marked morphologically or not, in languages. In order to present the description of the possession assignment in Latundê, the work of Telles (2002) was used, besides the data recorded in situ by Telles, and we also make use of more recent data collected in 2016, which are part of the Research Institute Emílio Goeldi Museum / PA. In order to compare the Latundê with the other Nambikwára languages regarding the main characteristics about these languages, which have morphological studies published, such as the study of Borella (2000), with the Sararé language; Kroeker (2001), with the South Nambikwára; Araújo (2004), who carried out research among the Sabanê; Eberhard (2009), with a study on Mamaindê; and conversations with Braga about the possession in Negarotê. The languages studied showed substantial similarity regarding the nominal structure and the possessive markers.

KEYWORDS: (In) Alienability. Latundê. Nambikwára. Nominal possession.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Localização das Terras Indígenas (TI) dos grupos Nambikwára (BRAGA, 2012).	26
Figura 2 - Distribuição linguística da família Nambikwára (EBERHARD, 2009)... ..	27
Figura 3 - Distinção entre nomes possíveis e não-possíveis, adaptado de Telles (2002).	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Termos designativos do status estrutural dos morfemas (TELLES, 2002, p. 147).	30
Quadro 2- Construção da morfologia do nome (TELLES, 2002, p. 149).	31
Quadro 3- Sufixos derivacionais (TELLES, 2002, p. 173).	32
Quadro 4 - Organização das construções possessivas (Stolz, et al., 2008, p.11).37	
Quadro 5 - Parâmetros semânticos da posse (STASSEN, 2009, p.17).	42
Quadro 6 - Relação entre os pronomes pessoais livres e os prefixos de posse adaptado de Telles (2002).....	46
Quadro 7 - Comparação dos nomes em Latundê.	58
Quadro 8 - Estrutura máxima de um nome em Mamaindê (EBERHARD, 2009, p. 345).	61
Quadro 9 - Prefixo possessivo em Mamaindê (EBERHARD, 2009, p.346).	62
Quadro 10 - Morfologia nominal do Negarotê (BRAGA, 2017, p. 202).	65
Quadro 11 - Comparação entre os prefixos possessivo do Mamaindê com o Negarotê.....	66
Quadro 12 - Construção nominal em Sararé (BORELLA, 2005).	69
Quadro 13 - Resultado da redução dos pronomes pessoais livres, adaptado de Borella (2005, p.9).	71
Quadro 14 - Estrutura máxima na constituição nominal das línguas Nambikwára do Sul. Adaptado de Kroeker (2003).	75
Quadro 15 - Prefixos possessivos KROEKER (2003).	76
Quadro 16 - Constituição nominal em Sabanê (ARAÚJO, 2004, p. 89).	78
Quadro 17 - Pronomes possessivos em Sabanê (ARAÚJO, 2004, p.98).	79
Quadro 18 - Palavras que sinalizam algum indicio de inalienabilidade (ARAÚJO, 2004, p.102).	82
Quadro 19 - Comparação dos Pronomes pessoais das línguas Nambikwára.....	84
Quadro 20 - Comparação das marcas de posse nas línguas Nambikwára.....	86

ABREVIATURAS E GLOSAS

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
ASSR	assertivo
CL/NLC	classificador
CN	conectivo
COP	cópula
D	dual
DECL	declarativo
DEM	demonstrativo
EQUA	equável
EV	evidencial
FEM	gênero feminino
FNS	sufixo nominal final
FUT	marcador nominal de futuro
GEN/GNT	genitivo
HUM	humano
I	marca de inalienabilidade
IMPF	imperfectivo
IND	indeterminado
INDEF	indefinido
INSTR	instrumento
IO	verificação individual/orientação de observação
NEUT	neutro
OBJ	objeto
P	tempo passado
PD	possuído
PF	perfectivo

PL	plural
PN	pronome pessoal
PR	possuidor
PS	posse
PRES/PRS	presente
RN	raiz nominal
Rn	raiz nula
REF	referencial
RFF	referenciador final
S	sujeito
Sg	singular
SI	substantivo incorporado
T	temporal
T.C	termo de classe
T/E	tempo verbal/evidencial
VS	sufixo verbal

LISTA DE SÍMBOLOS

//	transcrição fonológica
[]	transcrição fonética
~	variação fonética
—	posição de segmento
-	fronteira de morfema
.	fronteira de sílaba
'	acento primário

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	JUSTIFICATIVA.....	18
1.2	OBJETIVOS.....	20
1.3	METODOLOGIA.....	20
1.4	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	22
1.5	ETNOGRAFIA DO GRUPO NAMBIKWÁRA.....	24
1.5.1	Breve histórico do grupo Nambikwára.....	24
1.5.2	A família linguística Nambikwára.....	27
1.5.3	A O grupo Latundê.....	28
1.5.3.1	A morfologia da língua.....	29
2	A POSSE NAS LÍNGUAS DO MUNDO.....	35
2.1	PROBLEMATIZAÇÃO ACERCA DO CONCEITO DE POSSE.....	35
2.2	POSSE ALIENÁVEL vs. POSSE INALIENÁVEL.....	42
3	O SISTEMA DE MARCAÇÃO DE POSSE EM LATUNDÊ (TELLES, 2002).....	46
3.1	RELAÇÕES GENITIVAS.....	49
3.2	CLASSIFICAÇÃO DOS NOMES.....	51
3.2.1	Posse alienável e inalienável em Latundê.....	52
3.2.2	Nomes inalienáveis.....	53
3.2.2.1	Partes do corpo.....	53
3.2.2.2	Termos de parentesco.....	56
3.2.3	Nomes alienáveis.....	57
4	A POSSE NAS DEMAIS LÍNGUAS NAMBIKWÁRA.....	60
4.1	LÍNGUA NAMBIKWÁRA DO NORTE.....	60
4.1.1	Eberhard (2009).....	60

4.1.1.1	Constituição nominal em Mamaindê.....	60
4.1.1.2	A expressão de posse descrita em Eberhard (2009).....	62
4.1.1.3	Relação genitiva.....	64
4.1.1.4	A inalienabilidade em Mamaindê.....	64
4.1.2	Negarotê.....	65
4.1.2.3	A descrição de posse em Negarotê.....	66
4.2	LÍNGUAS NAMBIKWÁRA DO SUL.....	68
4.2.1	Borella (2005).....	68
4.2.1.1	Constituição do nome em Sararé.....	68
4.2.1.2	A expressão de posse descrita por Borella (2005).....	70
4.2.1.3	A inalienabilidade em Sararé.....	72
4.2.2	Kroeker (2003).....	74
4.2.2.1	A constituição nominal das línguas Nambikwára do Sul.....	74
4.2.2.2	A expressão de posse vista em Kroeker (2003).....	76
4.2.2.3	Sobre a inalienabilidade.....	77
4.3	ARAÚJO (2004).....	78
4.3.1	Constituição nominal em Sabanê.....	78
4.3.2	A expressão de posse em Sabanê.....	79
4.3.3	A representação da inalienabilidade em Sabanê.....	82
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
	REFERÊNCIAS.....	89

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de estudos voltados para a preservação e/ou documentação de línguas minoritárias se torna cada vez mais urgente por causa do avançado processo de perda linguística que estas sofrem. As condições sociolinguísticas em que os falantes dessas línguas se encontram, juntamente com o avançado processo de globalização – que de forma brusca impede sua manutenção – favorecem esse desaparecimento em pouco tempo. Com essa situação, características essencialmente linguísticas vão se perdendo, visto que a diversidade de material fonológico, morfológico, regras estruturais e etc., muitas vezes, não é encontrada em línguas consideradas majoritárias. Essas línguas, rotuladas genericamente como superiores pela sociedade em geral, por sua vez, são vistas dessa forma por causa do grande número de vocabulários e textos que representam sociedades maiores e mais poderosas, não tendo nenhuma relação com a natureza linguística à qual pertencem. No entanto, considerando os níveis intelectual, espiritual, estético e lógico que cada língua apresenta, é possível perceber que todas elas são iguais, ou seja, não existem línguas primitivas, nem superiores ou inferiores em relação a outras (KRAUSS, 2007).

As línguas naturais são não apenas instrumentos de comunicação social, mas também os meios de que dispõem os seres humanos para elaborar, codificar e conservar seu conhecimento do mundo. Cada língua está intimamente ligada aos processos cognitivos e à experiência acumulada pelo povo que a fala através de sucessivas gerações. As descobertas que, elaboradas e reelaboradas pela inteligência ao longo de milênios, formaram o imenso acervo de conhecimentos integrados que é a cultura, têm sua expressão mais ampla e mais precisa na língua que se desenvolveu como parte e como instrumento dessa cultura. Tudo o que hoje os antropólogos vêm descobrindo junto aos povos [...], em matéria de ciência nativa, como etnobiologia, etnomatemática, etnoastronomia, em resumo como etnociência, só se torna realmente acessível ao pesquisador através da língua [...]. Perdida a língua de forma abrupta, sob pressão de outro povo que tenta impor outra cultura, perde-se a maior parte daquele conhecimento pela destruição do sistema de referência que o mantinha integrado e operante. Em geral, a cada língua [...] desaparecida corresponde um complexo cognitivo rico em especificidades que se perde para o povo afetado e para todo o gênero humano. (RODRIGUES, 2013, p.4).

No Brasil, desde o início do processo de colonização, o poder de dominação dos colonizadores sobre a cultura e a sociedade indígena contribuiu

de forma brusca para a extinção de muitas línguas. Rodrigues (2013) aponta que a estimativa de diversidade de línguas indígenas no país, há 500 anos, era de 1,2 mil. No entanto, as línguas, histórias e culturas desses povos, existentes nos últimos séculos, deixaram de ser preservadas e documentadas devido ao processo de aculturação imposto aos nativos. Quando nesse processo houve a preocupação de se estudar as línguas indígenas, o objetivo baseou-se na tentativa de catequização e no estabelecimento de contato entre os índios e os portugueses para fins exploratórios. Esses estudos tinham como foco apenas o Tupi Antigo e eram produzidos com base nas gramáticas clássicas disponíveis na época.

A partir do século XIX, estudiosos missionários de outros países apresentaram informações sobre outras línguas indígenas, no entanto, também não abordavam estudos estritamente linguísticos. Os estudos apresentavam “listas lexicais, sendo raras as tentativas de descrição de aspectos gramaticais, e as transcrições eram, com poucas exceções, precárias, impressionistas” (SEKI, 2000, p. 236). É apenas nos anos 30 do século XX que surge uma preocupação quanto à necessidade de estudos científicos voltados para uma documentação sistemática das línguas indígenas brasileiras (SEKI, 2000). A causa desse processo lento de estudos científicos sobre as línguas indígenas brasileiras pode ser entendida através de duas situações: por um lado, a falta de recursos financeiros direcionados para tal pesquisa proporcionou/proporciona certa despreocupação com a necessidade de pesquisas científicas voltadas para tal fim; por outro, o desprestígio dado pela academia sobre os estudos da linguística *hard* acarreta em um número muito reduzido de pesquisadores interessados em documentar línguas que, em sua maioria, estão ameaçadas de extinção.

Há, atualmente, cerca de 180 línguas indígenas sobreviventes no Brasil. Essas línguas são classificadas geneticamente, de acordo com a proximidade linguística existentes entre elas, formando aproximadamente 43 famílias linguísticas distintas,

algumas das quais consistem em uma só língua e caracterizam o que também se chama de “língua isolada”, termo pouco significativo, uma

vez que frequentemente esse isolamento decorre de acidentes históricos e, no caso das línguas do Brasil, mais provavelmente do processo colonizador, que exterminou os povos que falavam outras línguas de uma mesma família (RODRIGUES, 2013, p 1).

Mesmo com os avanços nos estudos sobre línguas indígenas, nas últimas décadas, faz-se necessário intensificar os trabalhos que envolvem a documentação e preservação dessas línguas, uma vez que o número de falantes diminui a cada dia. Krauss (2007) apresenta três razões pelas quais se deve prevenir a perda de uma língua: a razão ética, a científica e a biológica. A primeira, consiste no direito humano básico que cada povo tem de falar sua própria língua; a segunda, refere-se à importância da linguagem para os estudos científicos em geral, visto que por meio da língua pode-se compreender um vasto conjunto de informações que perpassam a história, a geografia, o conhecimento sobre o meio ambiente e o comportamento do povo, além de possibilitar outras formas de pensamentos e interpretações particulares da experiência humana; por último, a razão biológica, que é comparada a uma forma de vida, já que é tão complexa quanto um ser humano, constituindo uma sistema em si, uma estrutura com interrelações, interações e interdependências.

O trabalho de quem se propõe a analisar estruturas linguísticas não se resume apenas a uma pesquisa de laboratório. Os linguistas, no geral, têm a função de realizar um trabalho que envolva socialmente tanto a comunidade, cuja língua está sendo estudada, quanto a sociedade envolvente, chamando a atenção para a importância da preservação da mesma. Além de fornecer material e/ou meios que ajudem a comunidade a reverter o processo de perda linguística, quando possível.

1.1 JUSTIFICATIVA

Como visto, a necessidade de se preservar uma memória linguística proporciona uma contribuição bastante significativa para a Ciência da Linguagem, favorecendo novas teorias e métodos de análise de línguas, e viabilizando a preservação de uma cultura imaterial importante para a reconstituição da história

e cultura do país, como também a preservação de um patrimônio que pertence à humanidade. O grupo indígena Latundê, devido à quantidade reduzida de falantes e do contato permanente com a língua portuguesa, apresenta uma necessidade urgente de documentação linguística. Devido ao brusco processo de contato com a sociedade não indígena, e com os desmembramentos internos ocorridos, o grupo tem sofrido o processo de deslocamento linguístico de maneira rápida nas últimas décadas.

A língua Latundê pertence à família linguística Nambikwára e é falada por cerca de 20 pessoas que habitam a Terra Indígena Tubarão-Latundê, localizada ao sul do estado de Rondônia. Mais da metade dessas pessoas nasceram após 1976, época do contato desse grupo com o homem “branco”. Desde esse período, o contato com a língua portuguesa e a proximidade com outros índios, que passaram a coabitar com os Latundê no mesmo território, tornou-se crescente. Com esse histórico sociolinguístico, essa língua encontra-se seriamente ameaçada de extinção.

O estudo fonológico, morfológico e sintático da língua Latundê requer aprofundamento. A complexidade estrutural da língua é instigante e pode ser explorada sob vários aspectos e perspectivas da ciência linguística. O Latundê é uma língua do tipo polissintética, predominantemente sufixal, com marcação no núcleo, sendo que a marcação de posse ocorre no nome. O morfema de posse dessa língua, e objeto do presente estudo, é o único que ocupa a posição prefixal (TELLES, 2002). O estudo do sistema de posse nas línguas do mundo se mostra relevante por fornecer informações que se interconectam com outros aspectos estruturais e pragmáticos de uma dada língua ou de grupos de línguas, tanto numa perspectiva tipológica quanto genética.

Além disso, este estudo justifica-se pela necessidade urgente de preservação e documentação da língua, dadas as condições em que a mesma se encontra, e pela contribuição potencial que a mesma pode dar em comparação com outras línguas, tanto as pertencentes à família Nambikwára, quanto as pertencentes a outras famílias.

1.2 OBJETIVOS

Este trabalho teve como objetivo principal descrever a marcação de posse na língua Latundê, partindo da análise primeira vista em Telles (2002), e estabelecer uma comparação do Latundê com as demais línguas que fazem parte da família Nambikwára, contribuindo assim com os estudos sobre a tipologia dessa família. No âmbito do estudo, pretendeu-se também analisar se o conceito de posse alienável e inalienável se aplica às línguas em questão e como cada uma das línguas, que possuem estudos morfológicos realizados, apresentam esse fenômeno, uma vez que os estudos acerca das línguas da família Nambikwára sugerem uma diversidade de comportamentos com relação à marca de (in)alienabilidade.

1.3 METODOLOGIA

Para dar início às discussões acerca da construção possessiva na língua Latundê, teve-se como ponto de partida a audição dos dados gravados *in loco* por Telles, em sua pesquisa de campo no início do ano 2000. Atualmente, esses dados fazem parte do acervo do Núcleo de Estudos Indigenistas (NEI), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e compreendem cerca de 50h de gravação. Dados mais recentes sobre a língua também foram utilizados. Estes fazem parte do Instituto de Pesquisa do Museu Emílio Goeldi-Pará e foram coletados em 2016 por Joshua Birchall. Durante a audição dos dados, todos apresentando excelente qualidade acústica devido ao formato digital, buscou-se verificar as palavras cuja tradução estabelecia uma relação de posse. Essas palavras foram identificadas nos arquivos sonoros, delimitadas, segmentadas e organizadas em arquivos, de acordo com a estrutura da pessoa gramatical à qual pertencem – quando esta apareceu marcada no substantivo – e de acordo com o conceito implícito de posse alienável e inalienável.

Para realizar as transcrições e organizar os dados, utilizou-se o programa de análise acústica dos sons da fala, PRAAT¹. O recurso desse software, ajudou à identificação das fronteiras dos morfemas na língua, entre eles, sobretudo dos morfemas ligados à raiz nominal e dos prefixos que marcam a posse. Para a transcrição utilizou-se a fonte fonética Sil Doulos IPA 93. Buscou-se, após as transcrições, encontrar formas fonológicas das palavras baseadas na proposta de Telles (2002). Subsequentemente, comparamos as formas subjacentes/fonológicas com aquelas encontradas no Dicionário Preliminar Latundê/Lakondê-Português, da mesma autora, para verificar nossas interpretações.

Para analisar a construção possessiva da língua em questão, buscaram-se na literatura conceitos que circundam a interpretação possessiva nas línguas do mundo. Para tanto, além da tese de Telles (2002), mais especificamente o capítulo destinado à construção da morfologia nominal do Latundê, viu-se em Heine (1997) a ideia de posse como domínio universal, uma vez que através de uma construção possessiva² é possível se chegar a um pequeno grupo de padrões conceituais básico. Ao tratar da relação possessiva nas línguas há a necessidade de definir o conceito de (in)alienabilidade, para isso fez-se necessário consultar outros autores como: Dixon (2010), Nichols (1988) e Stassen (2009), entre outros, que abordam o tema da posse.

Com a finalidade de estabelecer uma comparação da expressão de posse do Latundê com a expressão possessiva das outras línguas da família Nambikwára, levantamos as análises sobre este fenômeno nos trabalhos disponíveis em: Eberhard (2009), que estudou o Mamaindê; Kroeker (2001), que descreveu o Nambikwára do Sul³; Araújo (2004), que estudou o Sabanê, e Borella (2000), que analisou o Sararé. Além desses estudos, o trabalho contou com dados acerca da posse em Negarotê. Sobre esta última língua é interessante

¹ Programa disponível gratuitamente em <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/> e que permite analisar e separar segmentos sonoros.

² Para exemplificar essa construção, Heine (1997) utiliza como exemplo a posse predicativa.

³ Kroeker (2001), em sua gramática, utiliza dados de fala dos grupos Kithãlhú, Wakalitesú, Wasúsu, Halotesú, Sawentesú e Katitãulhú (Saráré). Borella (2000), por sua vez, analisa separadamente o Sararé.

destacar que as informações decorreram das conversas estabelecidas com Gabriela Braga⁴, pesquisadora do Negarotê.

Sobre a transcrição dos dados dessas línguas, foi respeitado, nos exemplos, o formato original fornecido pelos autores, salvo em alguns casos que serão sinalizados no decorrer desta pesquisa com o propósito de uniformizar os exemplos. No intuito de apresentar de forma clara a organização da construção possessiva nas línguas da família Nambikwára, construímos um quadro comparativos das marcas de posse seguido de uma breve análise.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Para favorecer uma melhor compreensão do desenvolvimento e resultado desta pesquisa, este trabalho foi dividido em quatro capítulos. No primeiro, busca-se apresentar, de forma sucinta, a história dos Nambikwára: a descoberta do grupo pelos não índios, sua organização geográfica, as diferenças dialetais entre os grupos e a história e organização política e linguística do grupo Latundê, que foi o último grupo da família a sofrer com o processo de contato. Sobre esse último, buscamos apresentar como se dá a construção morfológica do nome na Língua, visto que a posse também faz parte dessa estrutura.

No segundo capítulo abordamos os principais conceitos descrito acerca da posse nas línguas do mundo e como os autores interpretam esses conceitos. Como ponto de partida principal traremos o trabalho de Heine (1997), *“Possession. Cognitive Sources, Forces, and Grammaticalization”*, cujo autor faz um panorama geral sobre o conceito de posse. Para dialogar com esse trabalho, autores como Dixon (2010), Stassen (2009), Stolz et. al (2008) e Nichols (1988) foram incorporados à pesquisa. Este capítulo está dividido em duas partes: a primeira aborda o conceito geral sobre posse e como as línguas do mundo o interpretam; na segunda parte, tratamos do conceito de (in)alienabilidade e como ele é descrito por alguns autores.

⁴ Comunicação pessoal com Gabriela Braga, em setembro de 2017 e janeiro de 2018.

No terceiro capítulo apresentamos a expressão possessiva da língua Latundê. Este capítulo destina-se especificamente a essa língua devido às condições de uso da mesma, além de ser a língua da qual partimos para realizar um estudo comparativo com as demais línguas da família Nambikwára.

No quarto capítulo tratamos as línguas da família Nambikwára que possuem estudos morfológicos realizados (Mamaindê, Nambikwára do Sul, Sararé e Sabanê) e/ou em andamento (Negarotê). A cada uma delas será atribuído um subcapítulo independente. Assim como no primeiro capítulo, no qual a organização estrutural do nome para o Latundê é apresentada, também apresentaremos a estrutura nominal dessas outras línguas.

Por fim, nas considerações finais, apresentamos a conclusão desse estudo tipológico com um quadro comparativo dos pronomes pessoais e um quadro com as marcas possessivas (prefixo possessivo, genitivo e marca de inalienabilidade) das línguas Nambikwára.

1.5 ETNOGRAFIA DO GRUPO NAMBIKWÁRA

Este capítulo está dividido em três partes: na primeira, busca-se apresentar, de forma breve, a história do grupo indígena Nambikwára, partindo do primeiro contato do grupo com a sociedade não índia. Dessa forma, é possível entender como se deu a organização atual dos índios e o quão importante são os estudos que tentam preservar tanto uma memória linguística quanto sociocultural de um povo. Na segunda parte, procurou-se apresentar a organização linguística do grupo, as línguas pertencentes a família Nambikwára e sua relação de parentesco. Por último, tem-se a situação linguística e social do grupo Latundê, que é um subgrupo pertencente aos Nambikwára e que linguisticamente se apresenta como um grupo ameaçado de extinção. Optou-se por apresentar, de forma geral, dentro dessa última parte, apenas a organização da morfologia da língua Latundê.

1.5.1 Breve histórico do grupo Nambikwára

Estima-se que o primeiro contato com os indígenas da família linguística Nambikwára tenha-se dado na segunda metade do século XVIII, devido à migração de várias pessoas em busca de minério existente na região próxima ao território dos Nambikwára. Registros que relatam o primeiro contato dos não índios com os Nambikwára datam de 1770. Nesse período, houve a organização de uma expedição que tinha o intuito procurar ouro e construir uma estrada que ligasse o Forte de Bragança à Vila Bela⁵. Vários grupos indígenas foram encontrados nessa região, entre eles destacam-se os “Cabixis, os Tamarés e os Guaritérés, que habitavam a parte norte da área Nambikwára” (TAVARES, 1964 *apud* TELLES, 2002). Inicialmente, o contato com os Nambikwára foi bastante invasivo, visto que eles

⁵ As informações etnográficas presentes neste capítulo podem ser constatadas em Telles (2002), Price (1985) e no site: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/Nambikwára/1675>, entre outros autores que se debruçaram a pesquisar sobre a sociedade Nambikwára.

sofreram as consequências nocivas dos contatos com os não-índios: derrocada populacional, motivada por invasões a seus territórios tradicionais e acometimentos de enfermidades, tais como gripes e sarampo. As epidemias reduziram grupos inteiros. Também após a abertura de picadas para a instalação do telégrafo, missões religiosas adentraram na região, assentando índios em torno de suas missões. A partir de então, os grupos Nambikwára do Norte e do Sul passaram a sofrer contato relativamente contínuo com a sociedade não-índia. (TELLES, 2002. p. 8)

De acordo com Lévi-Strauss (1948), em 1907, o marechal Rondon recebeu do governo brasileiro a missão de explorar os territórios que se estendiam, por cerca de 500 quilômetros, da aldeia de Diamantino ao Rio Madeira. Esta exploração previa a construção de uma linha telegráfica estratégica que ligava a capital federal aos postos fronteiriços do Noroeste. Neste mesmo ano, Rondon conseguiu chegar ao Rio Jurema, até então desconhecido. Em 1908, uma segunda expedição abriu uma estrada de terra para o Rio Madeira. Foi durante essas expedições que se estabeleceu o primeiro contato com os Nambikwára.

A colocação da linha telegráfica continuou através dos territórios nativos de cerca de 1909 a 1915. Durante esse período, e desde então, houve relações regulares, embora intermitentes entre os índios e os membros da Comissão Telegráfica: engenheiros, soldados e trabalhadores. (LÉVI-STRAUSS, 1948, p.1-2)⁶

Com a instalação de uma rede telegráfica que cortou o território dos Nambikwára do Campo e do Norte, houve a necessidade de se estabelecer um maior contato com os índios dessa etnia. Este contato fez com que os Nambikwára passassem a fazer comunicação tanto com os neobrasileiros, quanto com índios de outros grupos. No início do século XX, é instituído o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), do qual o Marechal Rondon foi o primeiro gestor. No final da primeira metade desse século, ações exploratórias eram mais frequentes na região, abrindo caminho para a entrada de missionários e viajantes com interesses na catequização, nas línguas e nas culturas indígenas. Particularmente quanto aos Nambikwára, acreditava-se, nesse período, haver milhares de índios

⁶ Traduzido do original: *La pose de la ligne télégraphique se poursuivit à travers les territoires indigènes de 1909 à 1916 environ. Pendant cette période et depuis lors, il y eut des relations régulières, bien qu'intermittentes, entre les Indiens et les membres de la Commission télégraphique: officiers du génie, soldats et manoeuvres. Ces contacts ont continué après l'achèvement des travaux.*

vivendo nessa região (TELLES, 2002) e a área habitada pelos índios correspondia a 50.000 km², sendo dividida por cerca de 25 grupos de aldeias (PRICE, 1985). Atualmente, de acordo com a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), os Nambikwára somam apenas um total de 2.332 índios⁷, distribuídos em oito Terras Indígenas (TI) como podem ser observadas abaixo:

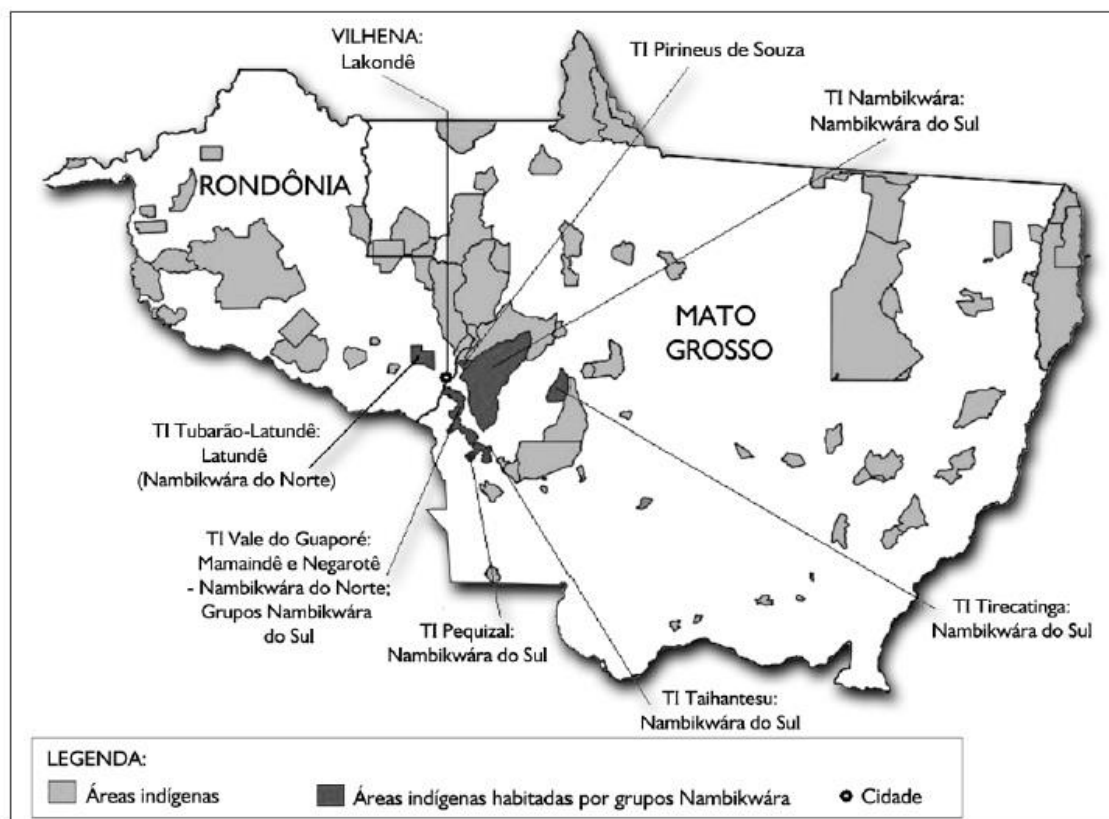


Figura 1- Localização das Terras Indígenas (TI) dos grupos Nambikwára (BRAGA, 2012).

Nambikwára é o nome dado ao grupo indígena que está localizado entre o norte e o centro-oeste do Brasil. Esse nome, de origem Tupi, significa 'buraco de orelha' (que é a junção do termo 'nambi'- orelha, e 'kuara' – buraco), segundo Telles (2002), esse nome pode ter sido influenciado pelos índios Pareci, que viam os Nambikwára como inimigos. Esse grupo habita a região ao sudoeste do Mato Grosso e áreas próximas do Estado de Rondônia.

⁷ Esse dado é de 2014 e pode ser verificado no site: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/Nambikwára/1672>. Acesso em: 27/07/17.

1.5.2 A família linguística Nambikwára

O termo Nambikwára é utilizado para nomear tanto o povo quanto a família linguística a qual pertencem. Aqui no Brasil, os termos usados para nomear as línguas são, na maioria das vezes, os mesmos utilizados para nomear o grupo indígena (RODRIGUES, 2013). Nambikwára é uma das 121⁸ famílias linguísticas consideradas isoladas, ou seja, não pertence a nenhum tronco linguístico. Segundo Rodrigues (2013), para uma língua pertencer a um tronco linguístico, ela precisa apresentar uma afinidade genética e constituir uma unidade mais amplas com outras línguas.

Essa família é constituída por três línguas dividida em três ramos: Nambikwára do Norte (ou setentrional), Nambikwára do Sul (ou meridional) e a língua Sabanê, que não tem divisão interna e representa a única língua do ramo.

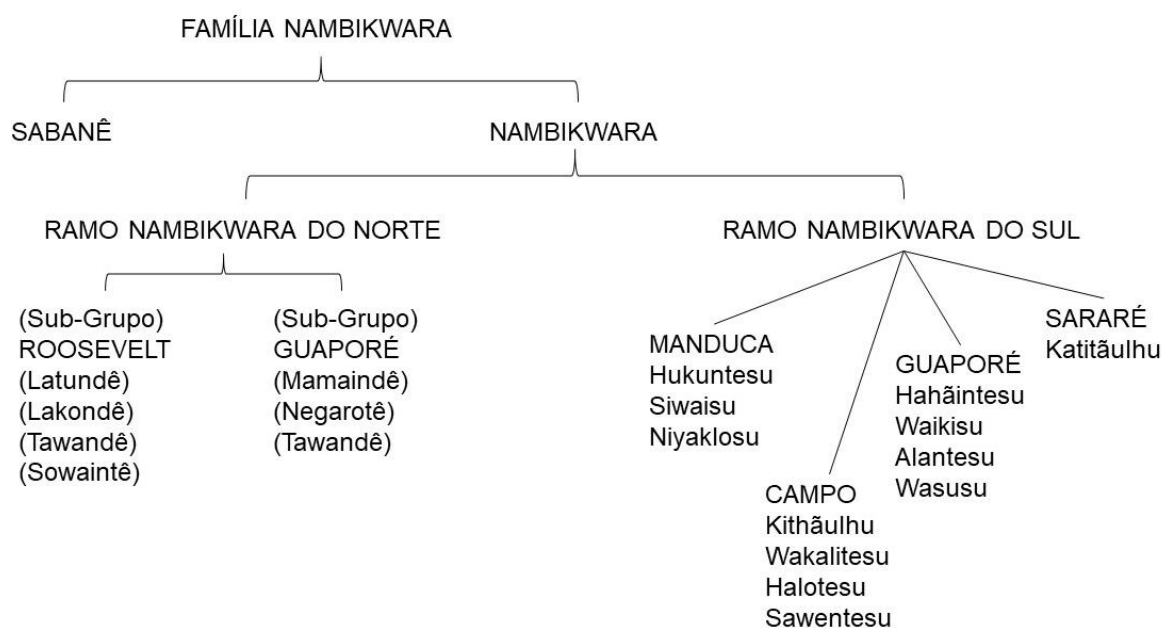


Figura 2 - Distribuição linguística da família Nambikwára (EBERHARD, 2009).

Os dois grandes grupos apresentados acima possuem uma maior proximidade genética, diferentemente da língua Sabanê.

⁸ Rodrigues (2013) apresenta uma lista com 199 línguas indígenas brasileiras, dentre as quais 121 são famílias que não pertencem a nenhum tronco linguístico.

1.5.3 A O grupo Latundê

O grupo indígena Latundê, de língua homônima, habita a terra indígena Tubarão-Latundê, que está localizada ao sudeste do estado de Rondônia, no município de Chupinguaia (TELLES, 2002). Outros grupos indígenas habitam essa terra, como os Aikanã e Kwazá. Dos subgrupos que constituem a família Nambikwára, o Latundê foi o último a ser contatado pela sociedade não índia. Esse contato aconteceu em 1976 através de uma expedição organizada pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) – órgão do Governo que substituiu o antigo SPI, destinado a prestar assistência aos índios e a assegurar sua integridade física e seus direitos constitucionais – que realizou a primeira visita intermediada por alguns índios Aikanã.

À época do contato, havia em torno de uns 20 índios Latundê, sendo que muitos faleceram pouco tempo depois por causa de doenças contra as quais os índios não tinham imunidade. Após o contato com a sociedade não índia a comunidade indígena passou a utilizar cada vez mais o Português, sobretudo em eventos cujo conteúdo da comunicação diz respeito ao universo de experiência não tradicional. Ou seja, o assunto das conversas é que determina a escolha da língua: Latundê ou Português (TELLES, 2002). Em sua pesquisa de campo, Telles (2002) observou que, embora a geração pós-contato adquira o Latundê e o português simultaneamente, as crianças com idades entre 2 e 4 anos falam mais em português que em Latundê, mesmo quando atendem a um comando na língua indígena. Para os adultos, as crianças têm maior facilidade em se comunicar na segunda língua por considerarem-na muito mais fácil e mais bonita.

Em conversa com Telles sobre sua visita aos Latundê em agosto de 2016, pôde-se compreender como está a situação sociolinguística e política dos Latundê em relação ao início de sua pesquisa em 1997. Telles constatou que os Latundê, em sua grande maioria, continuam habitando a Terra Indígena Tubarão-Latundê juntamente com os Aikanã e os Kwazá. A principal diferença sociolinguística existente nas últimas duas décadas deu-se devido ao enfraquecimento da autonomia política do grupo Latundê. Uma das razões do enfraquecimento foi a impossibilidade de os jovens poderem casar entre si devido

às relações de parentesco entre eles. Assim, muitos tiveram que casar com índios de outras etnias. A inexistência de lideranças jovens dentro do grupo em detrimento das lideranças Aikanã, grupo majoritário dentro da TI-Tubarão-Latundê e que possui maior contato com o mundo não índio também impactou socialmente os Latundê. No início do século, eles viviam a uma distância de cerca de 30 km da Gleba, aldeia-sede da Terra Indígena ocupada pelos Aikanã. Devido a essa instabilidade interna do grupo, a aldeia dos Latundê acabou sendo desfeita e a família que sobrou acabou migrando para um local mais próximo da aldeia-sede. Essa situação comprometeu tanto a autonomia social, política e econômica quanto linguística do grupo. Atualmente, são em torno de vinte índios Latundê, dos quais menos da metade faz uso da língua no seu dia a dia. Essa situação mostra um deslocamento linguístico efetivo da língua para o português. Apesar de, aparentemente, haver um aumento no número de índios em relação ao período de contato nos anos 70, não há uma manutenção da língua Latundê dentro do grupo.

1.5.3.1 A morfologia da língua

Telles (2002) estabelece, a partir de critérios morfológicos e sintático-funcionais, as classes lexicais do Latundê. A autora afirma que “o critério morfológico foi o mais determinante, tendo sido amplamente utilizado para a caracterização e diferenciação entre as classes identificadas” (p. 139). Foram identificadas, na língua, quatro classes de palavras: o nome e o verbo (classes abertas) e o advérbio e os pronomes interrogativos (classes fechadas)⁹.

Sendo considerada uma língua do tipo polissintética, a palavra nominal, assim como a verbal, pode apresentar um largo número de morfemas. A classificação nominal e a incorporação são fenômenos muito produtivos na língua. Verbos podem constituir estruturas holofrásticas que correspondem a orações em línguas não polissintéticas.

⁹ Como o objetivo deste trabalho está centrado na classe correspondente ao nome, nos ateremos apenas a ele.

A língua é predominantemente sufixal, o único prefixo existente são os morfemas de posse, que são afixados ao nome. Os morfemas podem ser classificados em segmentais e suprasegmentais. Este primeiro é responsável por toda estrutura formal da palavra: raiz, derivação e flexão; já os suprasegmentais, “marcam distinções significativas, exclusivamente, no âmbito da flexão” (TELLES, 2002, p 147). Observemos abaixo a significação dos morfemas no Latundê:

Quadro 1- Termos designativos do status estrutural dos morfemas (TELLES, 2002, p. 147).

PALAVRA		Formas com independência enunciativa na fala constituída por uma ou mais formas combinadas, com um acento principal e com (um mínimo de) de flexão obrigatória.
RAIZ		Forma lexical mínima sem material morfológico adicional.
RADICAL		Resultado da justaposição de mais de uma raiz lexical e/ou raiz(es) mais prefixos e/ou sufixos derivacionais.
AFIXOS	Derivacionais	Sufixos que se opõem a raízes lexicais, em processo lexicogênico.
	Formativos	Denominação genérica para certos sufixos opcionais que se apõem a raízes/radicaís.
	Flexionais	Sufixos de ocorrência mais regular, índices de informação gramatical em raízes/radicaís lexicais.

Os morfemas especificados no quadro acima, combinados entre si, constituem a palavra na língua. Abaixo, podemos verificar como se dá a organização estrutural do nome em Latundê:

Quadro 2- Construção da morfologia do nome (TELLES, 2002, p. 149).

Nome						
Prefixos	Raiz		Sufixos			
Prefixos Flexionais	Radical	Sufixos Derivacionais/ Sistema de Classificação			Formativos	Sufixos Flexionais
(Posse) ¹⁰	RAIZ	(Raiz)	(Tamanho)	(Forma)	(Consistência)	(Sufixos Variados)
						Definitivizadores

Acima, os termos entre parênteses são morfemas de uso opcional na língua. Como pode ser observado, há um número muito produtivo de sufixos, característico da polissíntese da língua. Essa organização nominal é semelhante à organização do nome em outras línguas família Nambikwára. A estrutura possessiva, do ponto de vista formal, mostra-se semelhante em todas as línguas da família, como será visto mais adiante.

Os sufixos derivacionais, apresentado no quadro acima, são formas presas realizadas apenas no nome; eles são bastante produtivos e carregam, significativamente, propriedades físicas ou de aparência do objeto denominado, podendo ser classificados, semanticamente, em: tamanho, forma e consistência. Segundo Telles (2002, p. 172),

os morfemas derivacionais são tratados como ‘sufixos’ pelo fato de não constituírem raiz lexical *per se*. Eles carecem de raiz nominal para serem aposicionados. Além disso, quando afixados a nomes, sua presença desobriga a ocorrência dos sufixos flexionais referenciadores e, em verbos, promovem a nominalização dos mesmos.

Vejamos abaixo como estão agrupados esses morfemas:

¹⁰ Como o estudo sobre a posse é o objetivo principal deste trabalho, deixaremos para descrevê-la à parte no capítulo 3 desta dissertação.

Quadro 3- Sufixos derivacionais (TELLES, 2002, p. 173).

TAMANHO	-‘tah- ~ -ka’tah-	‘grande’
	-kini’wi-	‘pequeno’
FORMA	-‘kah-	‘longo/tridimensional’
	-ki’nĩn	‘redondo/oblongo/tridimensional’
	-ka’loh-	‘superfície plana/unidimensional’
	-‘kih-	‘pontudo’
	-teh-	‘longo/flexível’
	-sen-/ni-	‘hemisférico’
CONSISTÊNCIA	-‘saw- ~ -‘jaw-	‘líquido’
	-su-	‘pó’

Os morfemas derivacionais de tamanho distinguem “seres de espécies aparentadas ou tipos semelhantes” (TELLES, 2002, p. 173), já os morfemas de forma e consistência podem classificar termos de uma mesma espécie. Esses, por sua vez, também podem ser caracterizados como classificadores, visto que desempenham funções morfossintáticas na língua.

Os morfemas que ocorrem no processo de derivação, *strictu sensu*, têm função de termos de classe, [...] por operarem especificamente no domínio da morfologia. Quando esses sufixos derivacionais assumem funções morfossintáticas, tal como função anafórica, eles se comportam como classificadores (TELLES, 2002, p. 183).

Os sufixos formativos, localizado após os sufixos derivacionais, segundo Telles (2002), foram empregados aqui para denominar um conjunto de sufixos verbais e/ou nominais que não se enquadra nas definições tradicionais de derivação e flexão. “Embora não sejam obrigatórios, os formativos têm características de sufixo gramatical, assim como os classificadores, por dispensarem a ocorrência do sufixo obrigatório referenciador” (*ibidem*, p.147). Os sufixos formativos não podem ser considerados como sufixos derivacionais, pois eles não criam uma palavra nova quando adicionado ao radical, nem como um

sufixo flexional, pois o mesmo, por ser realizado de forma opcional, já deixa claro que não poder considerado como tal. Há nove ocorrências desses sufixos que funcionam como modificadores do nome, vejamos¹¹:

- **-nãw (-)**: é utilizado para expressar uma totalidade ou mesmo o plural nos nomes, no entanto, sua não ocorrência não resulta em singularidade, visto que nessa língua, a marca de plural também pode ocorrer com os pronomes pessoais livres;
- **-hi-**: este morfema expressa a ideia de ênfase no nomes e equivale a **mesmo**;
- **-te-**: é utilizado para mostrar a não proximidade dos participantes do discurso com o referente;
- **-ta-**: tem a função de ‘evidência visual’ e é utilizado quando o referente recebe sufixação verbal, mostrando que o referente está sendo visto pelo falante;
- **-'so?(-)**: é um modificador nominal ou verbal e significa ‘somente’, ‘apenas’;
- **-nã'ke**: tem a função de ‘interrogativo locativo’ e ocorre apenas em nomes que constituem com ele uma frase;
- **-ko(-)**: tem função de inclusão e/ou de companhia. Este sufixo ocorre no nome que ocupa a função de sujeito da sentença;
- **-'naw(-)**: tem valor locativo e aparece, com frequência, em nomes que designam partes do corpo. É interessante notar que quando esse morfema for adicionado a verbos estativos-adjetivais ocorrerá a nominalização dos mesmos;
- **-'ha**: esse morfema tem valor de vocativo e não aparece junto aos sufixos referenciais.

No que se refere ao gênero, este não será marcado morfologicamente no nome. Quando houver a necessidade de fazer a distinção de sexo, será utilizado *en-* (homem/macho) ou *teḥ-* (mulher/fêmea). Para nomear o sexo de animais,

¹¹ As classificações e informação a respeito dos morfemas formativos que se seguem foram adaptadas de Telles (2002, p. 203-209).

esses lexemas aparecerão por meio do processo de composição de palavras, vejamos:

Ex₁: loh-ɛn-'te

onça-macho-REF

'onça macho

Ex₂: loh-'tɛh-'te

onça-fêmea-REF

'onça fêmea'

Por fim, na morfologia nominal, encontramos os sufixos referenciais que, na maioria dos contextos de produção, são de realização obrigatória. Foram observados na língua dois sufixos referenciais que são bastante produtivos: -'te e -'tu. Esses, ocorrem obrigatoriamente em nomes fora de contexto linguístico, segundo Telles (2002, p. 212), “qualquer nome deve necessariamente receber uma dessas marcas referenciais a fim de ser enunciado, uma vez que a raiz nominal não pode ocorrer por si mesma”, salvo os casos em que a raiz receba um morfema classificatório¹².

Ex₃: 'mãn-ka'loh

roupa-CL:superfície plana/unidimensional

'roupa'

¹² O exemplo 3 pode ser conferido em Telles (2002, p. 212, nota de rodapé).

2 A POSSE NAS LÍNGUAS DO MUNDO

Neste capítulo, serão apresentados alguns estudos que tentaram conceituar e exemplificar as características possessivas nas línguas naturais. Teve-se como ponto de partida, o estudo de Heine (1997), que traz uma perspectiva mais abrangente sobre o fenômeno em generalizar o conceito de posse para todas as línguas. Os estudos acerca da expressão de posse apresentado por outros autores, como: Dixon (2010), Nichols (1988), Stassen (2009), Stolz (2008), entre outros, também serão abordados à medida que houver divergência e/ou concordância entre eles. Este capítulo também traz algumas problematizações acerca da relação entre substantivos alienáveis e inalienáveis, visto que, apesar de haver um conceito ‘comum’ entre os autores, a interpretação do comportamento das línguas pode apresentar divergências entre os estudiosos.

2.1 PROBLEMATIZAÇÃO ACERCA DO CONCEITO DE POSSE

O conceito acerca da “Posse” pode ser interpretado de várias maneiras, dependendo da área de estudos a que se quer empregar, ou dependendo de cada povo e/ou cultura. No campo do direito, por exemplo, entende-se como posse a “[...] conduta de dono. Sempre que haja o exercício dos poderes de fato, inerentes à propriedade, existe posse, a não ser que alguma norma [...] diga que esse exercício configura a detenção e não a posse”¹³ ou que posse é “o poder de dispor fisicamente da coisa, combinado com a convicção de que se tem esse poder”¹⁴, dentre outros. No campo da linguística, além dos conceitos que envolvem o comportamento sociocultural de um determinado povo a respeito da posse, é importante entender como esse comportamento é codificado direta ou indiretamente na linguagem, e que elementos gramaticais são utilizados para representar e estabelecer a relação o possuidor e o objeto possuído.

Segundo Heine (1997) as línguas podem exibir qualquer mecanismo linguístico para expressar a posse, visto que ela é um domínio universal e pode

¹³ Conceito de posse expresso por Rudolf von Jhering, jurista alemão, *apud* Gurjão (2016, p.?).

¹⁴ Conceito de posse expresso por Friedrich Carl von Savigny, também jurista alemão, *apud* Viana (1986, p.309)

apresentar convenções em qualquer língua. No entanto, ao se tratar dos conceitos que envolvem o sistema de marcação de posse nas línguas do mundo, seus comportamentos e suas expressões linguísticas, deparamo-nos com uma série de problemas, dentre os quais encontram-se os relacionados à natureza cognitiva da posse. Isso faz com que a posse, segundo o autor, tenha seu conceito descrito como algo “inerentemente vago ou difuso”. Segundo Pereira (2016, p. 48), por exemplo,

O curso de vida das pessoas, [...], pode ser facilmente conduzido sem que elas precisem se valer de algum recurso explícito de marcação de posse ou de algum núcleo conceitual possessivo. Quando os falantes do Inglês (ou de quaisquer outras línguas que possuam construções deste tipo) proferem frases como *You have a cold* (Você tem um resfriado); *Mary has a sick grandmother* (Mary tem uma avó doente) ou *Bill has a good job* (Bill tem um bom emprego), por exemplo, eles não estão preocupados com a relação puramente possessiva estabelecida, mas com o evento enunciado como um todo. As pessoas só precisam compreender as inter-relações entre ter, comprar, dar, e assim por diante. Pode haver, nesse sentido, sociedades inteiras que fazem uso de construções possessivas diariamente, mas que não as compreendem explicitamente. Estes núcleos conceituais possessivos estariam, nesse prisma, muito mais incorporados às convenções e formas de comportamento social dessas pessoas, do que em seus léxicos mentais.

Independentemente de como as marcas possessivas sejam empregadas, é sabido que todas as línguas estabelecem expressões que constituem a ideia de pertencimento. A esse respeito, Dixon (2010, p. 262) afirma que “*cada língua tem – em sua gramática – uma ‘construção possessiva’ dentro de um sintagma nominal*”. No entanto, as várias possibilidades de significados que perpassam as construções possessivas são tão vastas que se referir a todos eles como possessivos seria um equívoco – uma vez que existe, linguisticamente, uma variação entre quem pode ser o possuidor, o possuído e que tipo de relacionamento de posse está envolvido –, pois os mesmos podem apresentar outros significados que não se restringem apenas à posse, ou que não haja uma relação da mesma (Heine, 1997; Dixon 2010). Para exemplificar essa informação, Heine (1997) apresenta dois exemplos:

- a) *Lis has a car;*
- b) *Lis has a problem.*

Não há dúvidas de que na primeira oração (Liz tem um carro) exista uma relação possessiva, no entanto, para a segunda oração, segundo Heine (1997, p. 2, tradução nossa), “termos alternativos como “relacional”, “associativo” etc. foram propostos para se referir a conceitos que incluem a posse, mas não se limitam a ela”¹⁵. Em muitos casos, a posse será determinada pelo contexto e dependerá do conhecimento de mundo e dos sistemas de crença de cada povo. Heine (1997) salienta que, mesmo que as relações possessivas possam cobrir uma variedade de relações ou associações entre dois conceitos, existem limites, não podendo, por exemplo, haver uma mudança na ordem dos participantes da primeira oração (*Um carro tem Liz).

Stolz et al. (2008), ao pesquisarem os principais padrões morfossintáticos que se encontra ao investigar posse, estabelecem uma estrutura que normalmente é responsável pela codificação da posse nas línguas europeias e em muitas outras. Essa estrutura pode ser conferida no quadro abaixo:

Quadro 4 - Organização das construções possessivas (Stolz, et al., 2008, p.11).

Nível semântico			Nível sintático	Tipo de estrutura de posse
POSSUIDOR	RELATOR	POSSUÍDO		
N	X	N	NP	Atributiva: genitiva
PRO	X	N	NP	Atributiva: pronominal
PRO/NP	V	NP/PRO	VP/S	Predicativa

No quadro acima, a ordem em que os componentes aparecem serve apenas para uma demonstração objetiva de como pode ser estabelecida a relação de posse nas línguas europeias, isso não faz qualquer declaração sobre as possibilidades de linearizações nas línguas. Percebe-se, no quadro 4, que a relação entre o possuidor (PR) e o possuído (PD) é dada por meio de um relator (X e V) que, segundo Stolz (2008), possui várias funções e a relação que ele estabelece tem a possibilidade de ser inerente, ou seja, marcada ou não. Caso

¹⁵ Traduzido do original: “[...] alternative terms such as 'relational', 'associative', etc. have been proposed to refer to concepts that include possession but are not confined to it”.

haja uma relação cujo PR e PD sejam representados por um sintagma nominal (SN) em conjunto, tem-se uma construção genitiva (o colar da menina); numa relação onde o PR é codificado por um pronome, tem-se uma construção pronominal (o colar dela). Essas duas construções levam o nome de posse atributiva¹⁶.

Dentre as várias possibilidades de conceitos atribuídos às relações possessivas dentro de um sintagma ou dentro de uma sentença, é interessante destacar sete noções possessivas que têm certa relevância na compreensão dos fatores externos que envolvem a posse nas línguas do mundo, são elas¹⁷:

- i. Propriedade Física (PHYS): refere-se ao momento em que ocorre a posse, onde estão associados o possuidor e o possuído, por exemplo: “Quero preencher este formulário, você tem uma caneta?”
- ii. Posse Temporária (TEMP): o possuidor dispõe do possuído por tempo limitado, mas não é o proprietário do possuído nem pode reivindicá-lo, por exemplo: “Eu tenho um carro para ir ao escritório, mas pertence a Judy”;
- iii. Posse Permanente (PERU): também chamada de posse inerente, refere-se a ideia legal de propriedade, ou seja, o possuído é proprietário legal do possuidor, por exemplo: “Judy tem um carro, mas eu o uso o tempo todo”;
- iv. Posse inalienável (INAL): o possuidor não pode se desfazer do possuído, tendo os dois uma relação inseparável. Nesse tipo de posse encontram-se as relações de parentesco e partes do corpo, por exemplo: “Tenho olhos azuis” e “Tenho duas irmãs”;
- v. Posse Abstrata (ABST): o possuído não é visível nem tangível ao possuidor, por exemplo: “Ele não tem tempo”;
- vi. Posse Inalienável Inanimada (IN/I): tanto o possuidor quanto o possuído são seres inanimados e inseparáveis, por exemplo: “Essa árvore possui poucos ramos”;
- vii. Posse Inanimada Alienável (IN/A): o possuidor é um ser inanimado e o possuído pode ser separado do possuidor, por exemplo: “Essa árvore tem corvos”.

¹⁶ Mais adiante discutiremos sobre a posse atributiva.

¹⁷ Traduzido de HEINE, 1997, p.33-34

No inglês, as construções possessivas dentro de um sintagma nominal podem ser expressas através da colocação do sufixo 's no possuidor, ou através da preposição *of* (de):

- c) my friend's sister
(irmã do meu amigo)
- d) the sister **of** my friend
(a irmã do meu amigo)

No entanto, segundo Dixon (2010, p.295),

às vezes há apenas uma escolha entre 's e *of*. Por exemplo, é na maioria das vezes inapropriado dizer o carro de John, o marido de Mary, o pé de Bill, a raiva de Jane, o dentista de Fred. Quando R é um pronome, apenas um pronome possessivo (o equivalente a um NP) é permitido, nunca de. É preciso dizer *o olho dele* em vez de **do olho dele*. (Tradução nossa).¹⁸

A utilização do sufixo 's e da preposição *of* abrange uma variedade de relações das quais, nem todas expressam a posse real. Essas relações incluem, segundo Dixon (2010, p.262):

- 1) A ideia de propriedade (que abrange o conceito dos pontos i e ii das noções possessivas vistas acima):

Ex.: *[John's car] runs smoothly.*

[o carro de John] corre sem problemas.

Ex.: *We have to vacate [our house] since the lease has expired.*

Temos que desocupar [nossa casa] desde que o contrato tenha expirado

¹⁸ Traduzido do original: "However, there is only sometimes a choice between 's and *of*. For instance, it is in most circumstances infelicitous to say the car of John, the husband of Mary, the foot of Bill, the anger of Jane, the dentist of Fred. When R is a pronoun, only a possessive pronoun (the equivalent of 's on an NP) is allowed, never *of*. One must say his eye rather than *the eye of him."

- 2) Relacionamento entre partes inteiras, seja parte do corpo de um ser humano ou animal, ou parte de um objeto:

Ex.: *[Mary's teeth] hurt.*

[dentes de Mary] doem.

- 3) Relacionamento de parentesco, seja relações de sangue ou relações através do casamento:

Ex.: *[Mary's husband] works in a bank.*

[marido de Mary] trabalha em um banco.

- 4) Um atributo, característica, de uma pessoa, animal ou coisa:

Ex.: *[The age of that fossil] is indeterminate.*

[A idade desse fóssil] é indeterminada.

- 5) Uma declaração de orientação ou localização:

Ex.: *[The inside of the Easter egg] is full of toffee.*

[O interior do ovo de Páscoa] está cheio de caramelo.

- 6) Associação:

Ex.: *[Paul's dentist] lives in Perth.*

[o dentista de Paul] mora em Perth.

Dentre essas possibilidades de relações possessivas, o autor aponta que existem três relações semânticas fundamentais latentes a uma construção gramatical interna da posse em inglês. Essas relações semânticas referem-se à ideia de: propriedade; relacionamento entre partes inteiras; e relações de parentesco, cuja relação de posse é recíproca, ou seja, o possuído também pode ser codificado como possuidor.

Diferentemente de outras línguas, o inglês e o grego clássico são as que possuem uma maior variedade semântica de expressões possessivas. No inglês, por exemplo, relações como atributo, orientação/localização e associação (ver os pontos 4, 5 e 6 acima) são utilizadas para marcar outras construções possessivas dentro do sintagma nominal. Já em grego, Nikiforidou (1991: 153) *apud* Dixon

(2010) descreve doze utilizações para a construção do genitivo, dentre as quais estão as três mencionadas acima (propriedade, relacionamento de partes inteiras e relações de parentesco), incluindo a classificação de **atributo** e **nominalização**, também existente no inglês. No entanto, *“não é apropriado descrever a nominalização como um tipo de posse, mas sim observar que isso mostra uma função adicional de um marcador gramatical usado em uma construção possessiva”*¹⁹ (DIXON, 2010, p. 265, tradução nossa).

Dentre os vários conceitos que subjazem às características possessivas, os linguistas voltam seu foco para a delimitação do domínio semântico da posse. Heine (1997) aponta que a ideia de “controle”, que foi proposta inicialmente para lidar com a posse, apresenta vários problemas, visto que estabelece um domínio de manipulação entre o possuidor e o possuído. Este domínio torna-se discutível em casos de possuidores inanimados – uma vez que o possuidor não exerce nenhuma ação de controle – e em casos de posse inalienável, visto que o possuidor não pode se desfazer do possuído.

[...] a questão é se a manipulação inclui a possibilidade de descontinuar a posse ou não. A frase “minha cabeça” implica controle no primeiro, mas não no último sentido: eu posso manipular minha cabeça de várias maneiras, mas não posso normalmente encerrar a posse dela. (HEINE, 1997, p.3, tradução nossa)²⁰

Essa ideia de controle também foi explorada por Stassen (2009). O autor estabelece um parâmetro para a configuração do domínio semântico da posse: **contato permanente e controle**.

¹⁹ Traduzido do original: “It is not appropriate to describe nominalization as a type of possession, but rather to note that this shows a further function of a grammatical Marker used in a possessive construction.”

²⁰ Traduzido do original: “[...] the question is whether manipulation includes the possibility of discontinuing ownership or not. The phrase my head implies control in the former but not in the latter sense: I can manipulate my head in various ways, but I cannot normally terminate ownership of it.”

Quadro 5 - Parâmetros semânticos da posse (STASSEN, 2009, p.17).

SUBTIPOS DE POSSE	CONTATO PERMANENTE	CONTROLE
Alienável	+	+
Inalienável	+	-
Temporária	-	+
Abstrata	-	-

Percebe-se, no Quadro acima, que há uma separação do conceito de alienabilidade e inalienabilidade, além de haver uma distinção entre os dois últimos subtipos de posse (temporária e abstrata), uma vez que é conferido, para cada um, valores diferentes referentes à relação de domínio do possuidor sobre o possuído. O possuidor, na relação de posse abstrata, possui menos controle e menos contato com o possuído, para exemplificar esse tipo de posse podemos voltar ao exemplo apresentado no início deste capítulo: *Lis has a problem*. Já na posse temporária o PR possui um maior contato com o PD. No que concerne à posse inalienável, percebe-se o que foi apontado anteriormente por Heine (1997), o possuidor não tem domínio de controlar a coisa possuída e esta, por sua vez, não pode ser separada do possuidor.

2.2 POSSE ALIENÁVEL vs. POSSE INALIENÁVEL

Diante da variedade de expressões possessivas presentes nas línguas do mundo, como mencionado anteriormente, é interessante ressaltar que as relações de alienabilidade e inalienabilidade são comumente difundidas. Dentre os vários estudos que buscam compreender essas relações, percebe-se que é quase unânime a descrição desses dois termos: de um lado, tem-se algo que é adquirido socialmente, que pode ser transferido de um possuidor para outro; de outro, tem-se elementos e/ou seres inseparáveis do possuidor. A esse respeito, Heine (1997, p.10), apresenta alguns adjetivos que foram utilizados para rotular os termos ‘alienável’ (não íntima, acidental, adquirida, transferível, normal) e ‘inalienável’

(íntima, inerente, inseparável, anormal). No entanto, esta última definição apresenta problemas no que tange a sua compreensão entre as línguas, uma vez que cada uma apresenta uma forma diferente para expressar essa relação de posse²¹. Assim, o que é inalienável numa determinada língua pode não ser para outra.

Dentre as propriedades que envolvem a categoria gramatical da inalienabilidade, Heine (1997) baseado em Nichols (1988;1992) apresenta algumas características que envolve a relação entre alienabilidade e inalienabilidade, para a primeira tem-se: 1) uma categoria que, em algumas línguas, pode ser descrita como sendo não-marcada; 2) um estreitamento na relação de possuidor e possuído; 3) etimologicamente uma marca morfológica mais antiga; e 4) os substantivos inalienáveis sendo mais restritos, mais fechados. Já a alienabilidade pode ser descrita como mais marcada *“isto significa, por exemplo, que, em regra, mais despesas fonológicas e/ou morfológicas são empregadas para codificar a posse alienável, em oposição à inalienável”* (HEINE, 1997, p.172, tradução nossa) e pertencente a uma classe aberta de substantivos. No entanto,

[...] os substantivos que formam a posse "inalienável" quase sempre integram um conjunto fechado, geralmente pequeno, ao passo que aqueles que formam a posse "alienável" são um conjunto aberto, portanto infinito. [...] A partir disso, percebe-se que a posse 'inalienável' é o membro marcado da oposição 'alienabilidade' (NICHOLS, 1988, p.562, tradução nossa)²².

Com base em pesquisas feitas na América do Norte, Nichols (1988;1992) *apud* Heine (1997), descobriu outras características de padrões para marcar a inalienabilidade, utilizando um critério de natureza morfossintática: algumas línguas tem uma marcação de núcleo, ou seja, utilizam um elemento gramatical para marcar o substantivo principal, que configura o elemento possuído; outras

²¹ Como veremos mais adiante, o Latundê, segundo Telles (2002), é uma das línguas que não estabelece, em sua gramática, uma distinção morfológica entre nomes alienáveis e inalienáveis.

²² Traduzido do original: “[...] the nouns that take 'inalienable' possession virtually always form a closed set, often a small one, while those taking 'alienable' possession are an open, hence infinite, set. [...] From this it follows that 'inalienable' possession is the marked member of the 'alienability' opposition.”

utilizam elementos morfológicos para marcar o substantivo dependente, o possuidor; outras ainda podem ser marcadas duas vezes ao utilizarem material morfológico para marcar tanto o núcleo quanto o dependente; e, por fim, há aquelas que não sinalizam nenhuma marcação. Para as línguas que possuem uma distinção entre as marcas de alienabilidade e inalienabilidade, há uma distinção na marcação de posse no substantivo, isto é, a posse de um é marcada onde a do outro não é, ou seja,

o membro "inalienável" de uma oposição de posse está associado a mais tendências de marcação de núcleo ou menos dependentes na codificação de relações possessivas. Em todos os padrões de divisão, o conjunto de substantivos fechados e inalienáveis é marcado no núcleo (onde o conjunto aberto não é) ou não é marcado pelo dependente (onde o conjunto aberto está marcado). (NICHOLS, 1988, p.578, tradução nossa)²³.

Heine (1997), por seu turno, afirma que essa relação de marcação no núcleo ou no dependente, feita pela autora, estabelece uma ideia de causa, isto é, a estrutura da marcação nuclear da posse origina a categoria gramatical de inalienabilidade, que pode ser descrita da seguinte forma:

Forma gramatical > significado gramatical

Nichols (1992: 121-2) *apud* Heine (1997, p.11) explica que

A posse inalienável não é principalmente uma distinção semântica, mas a consequência automática da ligação formal mais próxima que resulta na posse marcada: os inalienáveis tipicamente incluem termos de parentesco, partes/todo e/ou partes do corpo, substantivos que são mais prováveis de ocorrer possuídos num discurso e a marcação formal da inalienabilidade simplesmente gramaticalizam a posse²⁴ (tradução nossa).

²³ Traduzido do original: *the 'inalienable' member of a possession opposition is associated with more nearly head-marking, or less dependent-marking, tendencies in the encoding of possessive relations. In all of the split patterns, the closed, inalienable set of nouns either is head-marked (where the open set is not) or is not dependent-marked (where the open set is dependent-marked).*

²⁴ Traduzido do original: *inalienable possession is not primarily a semantic distinction but the automatic consequence of the closer formal bonding that results in head-marked possession: inalienables typically include kin terms, part/wholes and/or body-parts, nouns which are most likely*

O que fica claro é que, paralelo aos nomes categorizados como alienáveis, a posse inalienável apresenta uma variação interlinguística no conjunto de possuidores. Como já discutido neste capítulo, os conceitos de posse alienável e inalienável que a literatura traz são relativamente os mesmos. No entanto, a preocupação com a construção estrutural da posse que as línguas apresentam é devido à diversidade de interpretação que as línguas naturais fazem a esse respeito. A forma como um indivíduo interpreta determinado tipo de relação possessiva faz parte de convenções e construções internas de cada cultura, termos como casa, cama, fogo e roupa podem pertencer a categoria dos inalienáveis para algumas línguas (HEINE, 1997), questionando, assim, o consenso estabelecido pelos teóricos.

3 O SISTEMA DE MARCAÇÃO DE POSSE EM LATUNDÊ (TELLES, 2002)

Como pôde-se observar anteriormente na seção 1.3.1, sobre a morfologia nominal da língua Latundê, o prefixo possessivo é marca característica na construção nominal, ou seja, é o único morfema a ocupar a posição prefixal na língua. As marcas possessivas, por sua vez, em Latundê e em algumas línguas da família Nambikwára, consistem em uma forma reduzida dos pronomes pessoais (TELLES, 2002). Podemos ver no próximo quadro essa redução no Latundê.

Quadro 6 - Relação entre os pronomes pessoais livres e os prefixos de posse adaptado de Telles (2002).

Pessoa	Pronome Pessoal Livre	Prefixo de Posse
1 Sg	'tāja	tə-
2 Sg	'wāja	wə-
3 Sg	'hāja	ã-
1 Pl	'nũh	nũh
2 Pl	'wāja	wə-
3 Pl	'əwja	ã-

Ainda de acordo com Telles (2002), os pronomes pessoais são formas livres que podem ocupar tanto a função de sujeito, quanto a função de objeto, no entanto, não recebem prefixos de posse nem sufixos derivacionais. Abaixo, podemos verificar alguns exemplos de como são utilizados esses pronomes²⁵:

Pronome pessoal - 1ª pessoa do singular:

1) [dæ̃amurãna]

/'tāja mũn-'tãn/

²⁵ Como os prefixos possessivos de 2ª e 3ª pessoa do plural apresentam a mesma marca morfológica da 2ª e 3ª pessoa do singular, não apresentamos exemplos separadamente.

1Sg ser bonito-IMPF

‘eu sou bonito’

Posse de 1ª pessoa do singular:

2) [d̥ahiganãñã]

/t̥a-hi-'kah-'n̥a/

PS1Sg-unha-CL:longo/tridimensional-EV/ATUAL

‘a minha unha’

Pronome pessoal - 2ª pessoa do singular:

3) [uæámurãna]

/'waja m̥un-'tãñ/

2Sg ser bonito-IMPF

‘você é bonito’

Posse de 2ª pessoa do singular:²⁶

4) [wahitiwn̥a]

/'w̥a-'hi- ? -'n̥a/

PS2Sg-mão-EV/ATUAL

‘a tua mão’

As formas pronominais livres não são obrigatórias, pois há marcação de pessoa no verbo. Em algumas situações, contudo, os pronomes pessoais podem substituir a marca possessiva que, por sua vez, são formas presas, prefixadas ao nome, conforme pode ser visto nos exemplos de 5 a 8 abaixo:

5) [d̥awituh]

/t̥a-'w̥i-'tu/

PS1Sg-dente-REF

‘meus dentes’

²⁶ No exemplo 4 há um morfema que até agora não foi identificado/categorizado na língua, assim, toda vez que este aparecer será colocado um sinal de interrogação.

6) [dæwituh]

/'taja wi-'tu/

1Sg dente-REF

'meus dentes'

7) [danajgituh]

/tə-'najn-'kih-tu/

PS1Sg-cabelo-CL:pontudo-REF

'meu cabelo'

8) [dænajgituh]

/ 'taja 'najn-'kih-tu/

1Sg cabelo-CL:pontudo-REF

'meu cabelo'

Essa variação, segundo Telles (2002), não apresenta aparentemente um condicionamento explícito, no entanto, quando o nome recebe morfologia verbal, tem-se uma maior ocorrência dessa alternância. No que se refere ao prefixo possessivo de terceira pessoa do singular, é interessante destacar que, de acordo com a autora, esse morfema pode ser realizado foneticamente como [ã], [ũ], [ĩ] ou pode ser apagado e deixar o traço nasal na semivogal que inicia a raiz nominal, vejamos:

9) [ĩutiwnə]

/ã-'ju- ? -'nə/

PS3Sg-boca-EV/ATUAL

'a boca dele'

10) [ũnajgitiwnə]

/ã-'najn-'kih-'nə/

PS3Sg-cabelo-pontudo-EV/ATUAL

‘o cabelo dele’

11) [ʔnəjɨnʔde]

/ã-'nəjɨn-ki'nɨn-'te/

PS3Sg-cabeça-redondo/oblongo/tridimensional-REF

‘a cabeça dele’

Como a marca de posse de primeira pessoa do plural tem a mesma construção do pronome pessoal livre, também de primeira pessoa do plural, não se faz necessário, aqui, apresentar exemplos para ambos. Além dos prefixos possessivos vistos no quadro 6, na página 44, Telles (2002, p.156) identificou a presença de uma marca de posse dual *pan-*, uma redução do verbo numeral *pan tãñ*, que significa ‘são dois’. Essa marca não possui uma pessoa gramatical específica e, por isso, pode representar os três pronomes pessoais²⁷:

12) /**pan**-'huʔ-'te/

D-arco-REF

‘arco de nós dois’, ‘arco deles dois’ ou ‘arco de vocês dois’

3.1 RELAÇÕES GENITIVAS

Em casos em que a relação possessiva é dada entre dois nomes, ou seja, em construções genitivas, a marca de posse de terceira pessoa do singular *ã-* será obrigatória. Essa, por seu turno, ocupará a posição medial entre os nomes e sempre precederá o elemento possuído que, em Latundê, é o núcleo da composição nominal (ver ex.: 13 e 14)²⁸.

²⁷ Durante a escuta dos dados para a realização desta pesquisa não consegui encontrar exemplos para essa marca possessiva, por isso o exemplo 12 é retirado de Telles (2002, p. 156) e não tem a forma fonética descrita no exemplo. Situações como essa – a de não haver a forma fonética representada – poderão ser analisadas nos exemplos 13, 14 e 15 abaixo, também retirado de Telles (2002, p.164-165).

²⁸ Os exemplos de 13 e 16 foram adaptados de Telles (2002, p. 164-170).

13) /'nũn-ã-'tawn-'te/

bicho-**GEN**-rabo-REF

‘o rabo de bicho’

14) /loh-ã-wet-'te/

onça-**GEN**-filho-REF

‘o filhote de onça’

Em situações em que o composto nominal não aparece com a marca de posse, teremos uma construção não genitiva (ver ex.: 15) – cujo núcleo do composto será um termo genérico –, ou uma construção de procedência (diferentemente das relações genitivas e não genitivas, o núcleo do composto de uma construção de procedência ocupa a primeira posição, ver ex.:16). Com exceção do morfema de posse, essas composições nominais apresentam a mesma estrutura: a junção de duas raízes nominais com o acréscimo de um sufixo referencial.

15) /'ajkata-'hũn-'te/

mutum-flor-REF

‘flor de mutum’ (espécie de flor)

16) [wajɛdaɸuh]

/'wajɲ-ta'wɛn-'te/

cachorro-mato-REF

‘cachorro do mato’ (espécie de cachorro)

3.2 CLASSIFICAÇÃO DOS NOMES

Os nomes em Latundê são classificados em possuíveis e não-possuíveis. Dentro dos nomes possuíveis – de acordo com a distinção de alienabilidade e inalienabilidade, vista em 3.1 acima – encontram-se os nomes alienáveis e inalienáveis.

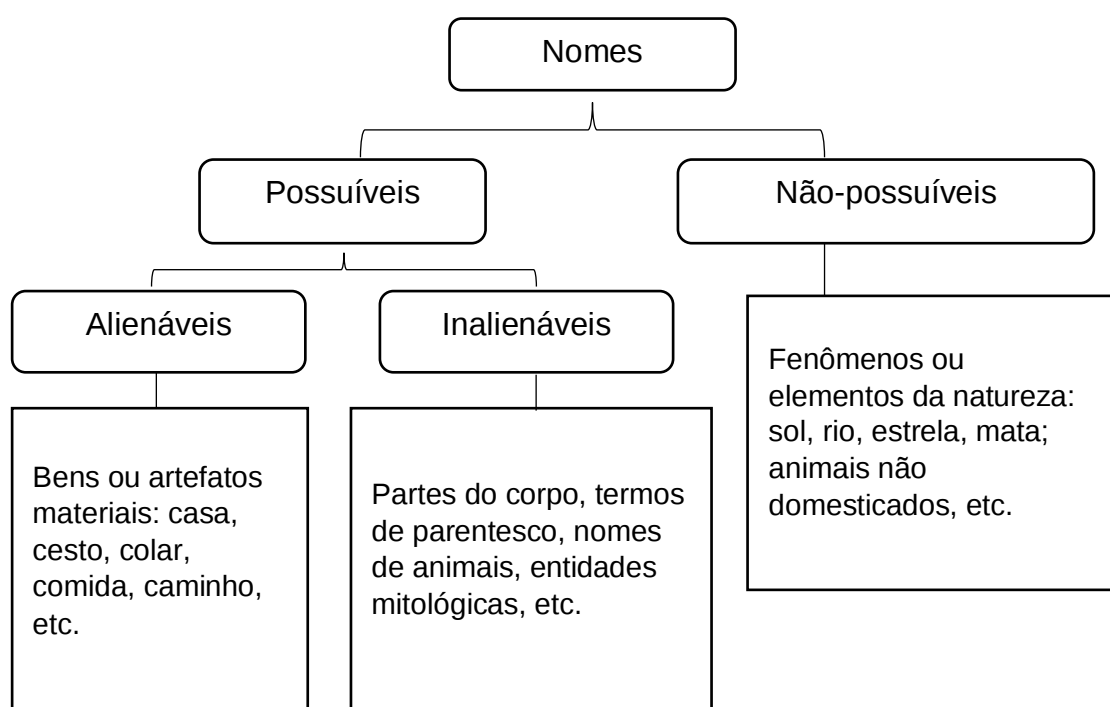


Figura 3 - Distinção entre nomes possuíveis e não-possuíveis, adaptado de Telles (2002).

A organização estabelecida na figura 3, acima, é baseada no conceito geral que a literatura traz sobre esses termos. No entanto, segundo Telles (2002), não há nessa língua uma marca morfológica que faça distinção entre nomes alienáveis e inalienáveis. Portanto, a classificação apresentada está relacionada com os termos que Telles (2002) apresenta como nomes possuíveis e não-possuíveis (cf. p.155). Sobre este último, a construção nominal se dá através do acréscimo de sufixo(s) à raiz nominal.

17) [eʃdrãʔ]

/ejn-'te/

lua-REF

'lua'

18) [daëginĩd'ĩrã]

/tãn-ki'nĩn-'te/

estrela-CL: redondo/oblongo/tridimensional-REF

'estrela'

Partindo do conceito de (in)alienabilidade apresentado por Heine (1997) e Dixon (2010), e do conceito de posse inerente apresentado por Payne (1997), vejamos, nas seções abaixo, como é caracterizada a marca de posse em Latundê ao levarmos em consideração essas distinções.

3.2.1 Posse alienável e inalienável em Latundê

Voltando ao conceito expresso anteriormente, temos como inalienabilidade todo elemento que não pode ser separado do possuidor, ou seja, o possuidor não é responsável por controlar a posse. Segundo os parâmetros semânticos apresentados por Stassen (2008), no quadro 5 (p. 40), o elemento que é inalienável tem um maior contato com o possuidor, tendo este menos controle sobre a coisa possuída. Dentre as relações de posse inalienável encontramos os termos de parentesco e partes do corpo. Como a maioria das línguas abordam as relações de parentesco e partes do corpo como posse inalienável (PAYNE, 1997)²⁹, para efeito de exemplificação, os nomes que Telles (2002) aborda como sendo possuíveis (partes do corpo, termos de parentesco, nomes de animais domésticos, entidades mitológicas) serão também tratados como uma posse inalienável. Em contrapartida, os bens e artefatos materiais serão tratados como alienáveis. Em algumas línguas os nomes alienáveis só são entendidos como possuídos quando há alguma marca morfológica que o caracterize como tal.

²⁹ Segundo o autor, há casos também em que o conceito de (in)alienabilidade em determinadas línguas pode ser invertido sem nenhum motivo aparente. "[...] there are usually a few items that semantically seem to go with one class, but which are grouped with the other class for no apparent reason: e.g., a language may treat rocks as inalienable and brothers as alienable". (PAYNE, 1997, p.105)

3.2.2 Nomes inalienáveis

3.2.2.1 Partes do corpo

19) [ʃhitiwn̩]

/ã-hi- ? -'n̩/

PS3Sg-mão-EV/ATUAL

‘a mão dele’

20) [dahitiwn̩] ~ [dahitana]

/t̩-hi-'n̩/

PS1Sg-mão-EV/ATUAL

‘a minha mão’

21) [dahikanduh]

/t̩-hi-'kah-'tu/

PS1Sg-mão-CL:longo/tridimensional-REF

‘minha unha’

22) [danahalanduh]

/t̩-naha'lan-'naw-'tu/

PS1Sg-orelha-LOC-REF

‘(em) minha orelha’

23) [dajutana]

/t̩-'ju-n̩/

PS1Sg-boca-EV/ATUAL

‘a minha boca’

24) [dakanajtru]

/t̩-inka'n̩jn-'tu/

PS1Sg-tripa/intestino-REF

‘minha tripa’

25) [d̪aɾagonduh]

/t̪a-ta'kon-'naw-'tu/

PS1Sg-costas-LOC-REF

‘(em) minhas costas’

26) [dajeladerduh]

/t̪a-hi'laʔ-'teh-'tu/

PS1Sg-pescoço-CL:longo/flexível-REF

‘meu pescoço’

27) [dawikotuh]

/t̪a-wi'kat-'naw-'tu/

PS1Sg-queixo-LOC-REF

‘(em) meu queixo’

28) [d̪anahduh]

/t̪a-'n̪an-'tu/

PS1Sg-sangue-REF

‘meu sangue’

29) [daliwetuh]

/t̪a-'in-ki'n̪ĩn-'weh-'tu/

PS1Sg-olho-CL:redondo/oblongo/tridimensional-pêlo-REF

‘meus cílios’

30) [dawidatuh]

/t̪a-juwi'ta-'tu/

PS1Sg-nariz-REF

‘meu nariz’

31) [d̪aliginĩnduh]

/t̪a-'in-ki'n̪ĩn-'tu/

PS1Sg-olho-CL:redondo/oblongo/tridimensional-REF
 ‘meu olho’

32) [danahduh]

/tə-ˈnəh-ˈtu/

PS1Sg-osso-REF

‘meu osso’

33) [dajutuh]

/tə-ˈju-ˈtu/

PS1Sg-pé-REF

‘meu pé’

34) [dawehduh]

/tə-ˈweh-ˈtu/

PS1Sg-pêlo-REF

‘meu pelo’

35) [dəhokuduh]

/tə-nuˈhoka-ˈtu/

PS1Sg-coração-REF

‘meu coração’

36) [dajuhĩduh]

/tə-juˈhĩn-ˈtu/

PS1Sg-fígado-REF

‘meu fígado’

37) [danukaĩnduh]

/tə-tanuˈkain-ˈtu/

PS1Sg-barriga-REF

‘minha barriga’

- 38) [d̪anukaj̪nduh]
 /t̪ə- 'tanu- 'kain- 'tu/
 PS1Sg-peito-REF
 'meu peito'

3.2.2.2 Termos de parentesco

- 39) [dat̪wotãⁿ]
 /t̪ə- 'soh- 'tãⁿ/
 PS1Sg-avô-IMPF
 'meu avô'

- 40) [damitãⁿ]
 /t̪ə- 'mi- 'tãⁿ/
 PS1Sg-pai-IMPF
 'meu pai'

- 41) [wamitrãⁿ]
 /w̪ə- 'mi- 'tãⁿ/
 PS2Sg-pai-IMPF
 'seu pai'

- 42) [dat̪uj̪trã]
 /t̪ə- su- 'ni?- 'tãⁿ/
 PS1Sg-neto-IMPF
 'meu neto'

- 43) [d̪əwahtãⁿ]
 /t̪ə- 'wah- 'tãⁿ/
 PS1Sg-irmã-IMPF
 'minha irmã'

44) [dadetrã]

/tə- 'tə- 'tã/

PS1Sg-esposa(mulher)-IMPF

‘minha esposa’

45) [d̪anatrãⁿ]

/tə- 'nah- 'tã/

PS1Sg-mãe-IMPF

‘minha avó’

46) [wanahtrãⁿ]

/wə- 'nah- 'tã/

PS2Sg-mãe-IMPF

‘sua avó’

47) [nũhnatãⁿ]

/nũh- 'nah- 'tã/

PS1PL-mãe-IMPF

‘nossa avó’

3.2.3 Nomes alienáveis

48) [d̪ahutãna]

/tə- 'huʔ- 'kah- 'nə/

PS1Sg-arco- longo/tridimensional-EV/ATUAL

‘é meu arco’

49) [d̪anãgalohnə]

/tã- 'mã-ka- 'loh- 'nə/

PS1Sg-roupa-superfície plana/unidimensional-EV/ATUAL

‘é minha roupa’

50) [wajelitana]

/wə-ja'liʔ-nə/

PS2Sg-colar-EV/ATUAL

‘é seu colar’

Como pode ser notado nos exemplos acima, com exceção dos nomes não possuíveis que não vêm acompanhado de um marcador possessivo, a língua Latundê não apresenta nenhuma marca morfológica que esboce a ideia de (in)alienabilidade.

Quadro 7 - Comparação dos nomes em Latundê.

Não possuído	[nahod'fã]
	/na'hoh-'te
	rio-REF
	‘rio’
Possuídos	[dɔnagiñinduh]
	/tə-'nəjn-ki'nĩn-'tu/
	1S-cabeça-
	CL:redondo/oblongo/tridimensional-REF
	‘minha cabeça’
	[dalokajdjūna]
	/tə-lu'kajn-nə/
	1S-flecha-EV/ATUAL
	‘é minha flecha’

Algumas línguas, por não apresentarem uma marca morfológica de posse inalienável, possuem essa marca inerentemente, ou seja, o nome é essencialmente entendido como uma posse inata, por exemplo, as partes do corpo. O que se pode constatar, para o Latundê, é que não há uma marca possessiva que apareça concomitante ao uso do prefixo de posse que, por sua

vez, se comporta da mesma forma tanto para os nomes genericamente atribuídos como alienáveis, quanto para os inalienáveis, como podemos ver no quadro acima. Mesmo não havendo uma marca distinta dos prefixos para caracterizar a inalienabilidade, o que chama a atenção é que, nos áudios, quando pedido para o participante da pesquisa falar uma palavra referente à relação de parentesco e/ou partes do corpo, é possível perceber a preferência do falante em colocar o prefixo possessivo de primeira pessoa antes do nome.

Como é possível perceber na literatura e nas línguas que marcam essa relação, quando uma língua possui gramaticalmente uma marca de posse inata, essa deve vir obrigatoriamente afixada a raiz nominal, acompanhada de um prefixo possessivo que marcará a pessoa e o número, quando forem especificados no discurso. Na ausência de uma pessoa gramatical específica, a possibilidade de uma menor estrutura nominal é constituída pela marca de inalienabilidade + raiz + sufixo (referencial).

4 A POSSE NAS DEMAIS LÍNGUAS NAMBIKWÁRA

Este capítulo trata da relação possessiva em línguas da família Nambikwára que apresentam estudos morfológicos realizados e em andamento. Assim sendo, tem-se dois estudos para as línguas Nambikwára do Norte, dois para Nambikwára do Sul e um estudo sobre o Sabanê. Como os estudos de Kroeker (2001) compreendem a análise de seis línguas do ramo do Sul (Kithãlhú, Wakalitesú, Wasúsu, Halotesú, Sawentesú e Katitãulhú), optamos por fazer referência, nos subcapítulos, aos estudiosos das respectivas línguas. Assim sendo, tem-se: Eberhard (Mamaindê), Braga (Negarotê), Kroeker (línguas Nambikwára do Sul), Borella (Saráré, também Nambikwára do Sul) e Araújo (Sabanê). No entanto, antes de entrar na construção possessiva de cada língua, fez-se necessário apresentar, de forma breve, um resumo das constituições nominais das mesmas.

Como a marca possessiva é um constituinte nominal e, por sua vez, nessas línguas, se apresentam como morfemas presos, a representação da organização estrutural do nome mostra como a posse se comporta de língua para língua. Os exemplos apresentados neste capítulo seguem fielmente as transcrições originais. No caso dos dados vistos em Kroeker (2001) a transcrição original encontrada apresenta uma numeração sobrescrita, de 1 a 3, relativa à prosódia, representando os tons da língua. Essa numeração foi retirada dos exemplos com a finalidade de uniformizar a escrita do presente trabalho, isso não irá alterar a interpretação acerca da composição nominal.

4.1 LÍNGUA NAMBIKWÁRA DO NORTE

4.1.1 Eberhard (2009)

4.1.1.1 Constituição nominal em Mamaindê

O Mamaindê, assim como o Latundê, é uma língua polissintética, tendo um número muito produtivo de morfemas derivacionais que são agrupados perto da

raiz (tanto verbal quanto nominal) e dos sufixos flexionais. O nome (substantivo) pode aparecer como núcleo de uma frase nominal ou como sujeito ou objeto de uma cláusula. Ao nome pode ser adicionada a morfologia nominal que, segundo Eberhard (2009), esta pode ser a marca de posse, a marca de plural, classificadores e sufixo nominal. A raiz nominal, por sua vez, aparece na maioria das vezes com no mínimo um afixo, entretanto, ela pode aparecer sozinha, como um morfema livre, visto que a presença dos afixos não é obrigatória. Para exemplificar essa construção, segue um exemplo extraído de Eberhard (2009, p.345):

51) **man?**

‘monte/montanha’³⁰

52) **na-te?-so?ka-ta-nã?ã-le?i-ijah-ãni**

PS3Sg-esposa-NCL:HUM-FEM-PL-FUT-DEM-FNS

‘exatamente aquelas que foram as mulheres dele no passado’³¹

No quadro abaixo podemos perceber como é estabelecida a composição nominal descrita por Eberhard (2009):

Quadro 8 - Estrutura máxima de um nome em Mamaindê (EBERHARD, 2009, p. 345).

Marca de posse	Raiz	Marcador de autenticidade	Classificador nominal	Gênero	Marca de plural	Marcador temporal nominal	Demonstrativo	Inclusivo/restritivo	Sufixo nominal final

³⁰ Original: *hill/mountain*.

³¹ Original: “*Those very ones who were his wives in the past*”

Dos afixos adicionados à raiz, apenas a marca de posse ocupa a posição prefixal. A marca de autenticidade, apresentada por Eberhard (2009), diz respeito à forma de identificar a veracidade do substantivo. Essa marca é representada pelo afixo *-toʔ*. Segundo o autor, a ausência dessa marca não confere dúvidas acerca do nome mencionado, no entanto, quando utilizada, o falante busca chamar a atenção para a veracidade do que está sendo dito. Já os classificadores nominais funcionam como adjetivos e tem a função de descrever o nome de forma mais específica do que a própria raiz. Em Mamaindê, ainda segundo o mesmo autor, há um total de vinte e quatro tipos de classificadores nominais.

No que se refere à morfologia de gênero e número na língua, o Mamaindê marca apenas o gênero feminino e o plural no nome, quando estas não aparecerem devem ser interpretadas, respectivamente, como masculino e singular. Já a presença do sufixo demonstrativo estabelece uma relação de especificação do que está sendo dito. O sufixo nominal inclusivo/restritivo, segundo Eberhard (2009, p.362, tradução nossa), “são aqueles que carregam com eles propriedades semânticas aditivas ou subtrativas”³², respectivamente. Esses sufixos não acontecem simultaneamente com os sufixos nominais finais, uma vez que há a hipótese, segundo o autor, de que eles possam ter pertencido a mesma categoria.

4.1.1.2 A expressão de posse descrita em Eberhard (2009)

A marca de posse, em Mamaindê, é dada no substantivo possuído pela presença de um prefixo que segue a estrutura abaixo:

Quadro 9 - Prefixo possessivo em Mamaindê (EBERHARD, 2009, p.346).

Pessoa	Marca Possessiva
1Sg	ta-

³² Traduzido do original: *are those which carry with them either additive or subtractive semantic properties.*

2Sg	wa-
3Sg	na-
1Pl	nũsa-

Não há nessa língua um morfema que corresponda a posse de segunda e terceira pessoa do plural. Essa marca será caracterizada pela presença de sua correspondente no singular com o acréscimo do morfema plural /-nãʔã/ ao pronome pessoal livre, que aparecerá antes do nome possuído. Vejamos os exemplos abaixo³³:

53) **ta-kateik-kanĩn-tu**

PS1Sg-mangava-NCL:redondo-FNS

‘minha bola (feita de borracha de mangava)’

54) **wa-hukʔ-kʰat-ãni**

PS2Sg-arco-NCL:vara-FNS

‘seu arco’

55) **waj-nãʔã wa-sen-sa juʔwaʔ-hensoʔ**

PN2-PL PS2-falar-NCL:discurso mentira-CN.sempre

na-lat^ha-Ø-wa

COP-S3-PRS-DECL

‘todos vocês, a fala de vocês, é sempre mentira’

56) **hãi-nãʔã na-set-sa takoʔtakon-lat^ha-Ø-wa**

PN3-PL PS3-falar-NCL:discurso torto-S3-PRS-DECL

‘todos eles, a fala deles, é torto’

³³ Os exemplos de 53 a 56 foram retirados de Eberhard (2009, p.345-347). As frases originais são, respectivamente: ‘my ball (made of mangava rubber)’, ‘your bow’, ‘All of you, your speech, it is always lies’, ‘All of them, their speech, it is crooked’.

4.1.1.3 Relação genitiva

Em construções nominais compostas a utilização do sufixo nominal */-ã/* será necessária para estabelecer uma relação genitiva. O elemento possuído dessa relação ocupará a segunda posição, sendo este o núcleo do composto, podendo assumir a forma de um substantivo, um classificador ou um verbo nominal (EBERHARD, 2009). Vejamos³⁴:

57) toh-ã-ja-tu

abelha-GNT-NCL:liquido-FNS

‘líquido da abelha/mel’

58) jaho-ã-sih-tu

homem velho-GNT-casa-FNS

‘a casa do velho’

4.1.1.4 A inalienabilidade em Mamaindê

A posse em relação às partes do corpo, em Mamaindê, é considerada inalienável pelo autor. A marca possessiva que irá expressar essa relação é o morfema de posse de primeira pessoa do plural */nũsa-/*. “Isso traz a ideia de que esta é uma parte do corpo comum a todos nós. Mesmo quando se referem ao seu próprio corpo na fala conectada, o Mamaindê retornará frequentemente para a forma */nũsa-/*” (EBERHARD, 2009, p.347, tradução nossa)³⁵.

³⁴ Os exemplos 57 e 58 foram retirados de Eberhard (2009, p. 373). O texto original correspondente aos exemplos são, respectivamente: *‘liquid of the bee/honey’* e *‘the house of the old man’*.

³⁵ Traduzido do original: *This conveys the idea that this is a body part common to us all. Even when referring to their own body in connected speech, the Mamaindê will often revert to the /nũsa-/ form.*

4.1.2 Negarotê

O Negarotê, língua da família Nambikwára pertencente ao ramo do Norte, é considerada uma língua irmã do Mamaindê pela proximidade linguística que ambas apresentam. Essa língua ainda não possui estudos morfológicos realizados, no entanto, através do trabalho recente de Braga (2017) e de comunicação³⁶ com a própria autora, foi possível fazer uma breve descrição acerca da organização estrutural do nome em Negarotê.

Quadro 10 - Morfologia nominal do Negarotê (BRAGA, 2017, p. 202).

PREFIXO		SUFIXOS				
PRONOME POSSESSIVO	Raiz nominal	CLASSIFICADOR NOMINAL	GÊNERO	NÚMERO	DEMONSTRATIVO	REFERENCIAL FINAL

Como é possível perceber, a produtividade de sufixos nominais e a presença de um único prefixo, o possessivo, na língua é semelhante a estrutura nominal das outras línguas da família Nambikwára. Segundo Braga (2017), até o presente momento foram identificados apenas essas seis categorias de afixos nominais. Em forma isolada, será comum a raiz nominal vir acompanhada de ao menos um morfema gramatical. Ainda segundo a autora (p. 201),

embora não seja comum a realização de formas livres (sem nenhuma estrutura interna) pelos falantes, não há restrição quanto a se considerar uma raiz, sem nenhum morfema afixado a ela, como palavra. [...]. Cabe, no entanto, ressaltar que essas mesmas palavras, ditas em momentos distintos, aparecem realizadas com o morfema referencial /-tu/ afixado à raiz.

³⁶ Comunicação pessoal com Gabriela Braga, entre setembro de 2017 e janeiro de 2018.

4.1.2.3 A descrição de posse em Negarotê

Os prefixos possessivos do Negarotê apresentam enorme semelhança com os prefixos possessivos do Mamaindê. Vejamos:

Quadro 11 - Comparação entre os prefixos possessivo do Mamaindê com o Negarotê.

Pessoa	Prefixo de posse Mamaindê	Prefixo de posse Negarotê
1Sg	ta-	ta-
2Sg	wa-	wa-
3Sg	na-	na-
1Pl	nũsa	nũs-

Não há descrição de posse para a segunda e terceira pessoa do plural, a terceira pessoa do singular também pode ser usada para referentes indeterminados, como mostra o exemplo (12) abaixo³⁷:

59) [tə'iw:ru]

/tə-'iuh-tu/

PS1Sg. – RN: 'boca' – RFF

"minha boca"

60) [tə'weitu]

/tə-'wej-tu/

PS1Sg. – RN: 'criança' – RFF

"meu filho"

61) [wə'i:ka,nĩdu]

/wə-'i-ka'nĩn-tu/

³⁷ Os exemplos de 59 a 63 foram retirados de Braga (2017, p. 203-206).

PS2Sg. – RN: ‘olho’ – CLN: ‘redondo’ – RFF

“seu olho”

62)[na'i:ka,nĩdu]

/na-'i-ka'nĩn-tu/

PS3Sg/ind – RN: ‘olho’ – CLN: ‘redondo, oblongo’ – RFF

“olho dele(a)”

63)[nūs'nã:tu] ~ [nūs'nã:thu]

/nūs-'nã?-tu/

PS1PL – RN: ‘mãe’ – RFF

“nossa mãe”

Como já mencionado anteriormente, ainda não há estudos morfológicos realizados para o Negarotê, no entanto, partindo da análise do estudo fonológico de Braga (2017), podemos perceber que os compostos nominais são também formados pela justaposição de duas raízes nominais. Os compostos que expressam relações genitivas apresentam o morfema *a-* em sua construção, este, por sua vez, precede o núcleo do composto que é localizado a direita da composição nominal (ex.: 64 e 65), em compostos que não apresentam relações genitivas não há a presença do morfema (ex.: 66 e 67)³⁸.

64) [ja:ga.ha.'ni:tu]

/jait-a-ha'ni?-tu/

RN: ‘porco’ – **GNT** – RN: ‘gordura’ – RFF

‘gordura de porco’

65) [mĩ:hã.'naj.tu]

/mĩh-a-'naj?-tu/

RN: ‘batata’ – **GNT** – RN: ‘raiz’ – RFF

³⁸ Os exemplos 64, 65, 66 e 67 foram retirados de Braga (2017, p. 256-266).

‘raiz de batata’

66) [a:n.'da^bm.du]

/ʔn-'taun-tu/

RN: ‘tatu-galinha’ – RN: ‘rabo’ – RFF

“rabo de tatu-galinha”

67) [hã.nũ:n.hã.'jãm.ki.tu]

/ha'nũn-hã'njaunki-tu/

RN: ‘abacaxi’ – RN: ‘flor’ – RFF

“Flor de abacaxi”

Em comunicação pessoal com Braga, a autora alegou que quando se tratar de nomes inalienáveis, a posse também será obrigatória, como por exemplo, partes do corpo. Para os outros nomes a marca possessiva é opcional. Não foi encontrada, ainda, na língua, uma marca específica para caracterizar a inalienabilidade, talvez isso se deva a falta de um estudo morfológico mais aprofundado ou pela presença de uma posse inerente aos termos possuídos.

4.2 LÍNGUAS NAMBIKWÁRA DO SUL

4.2.1 Borella (2005)

4.2.1.1 Constituição do nome em Sararé

Segundo Borella (2005), a construção nominal em Sararé possui a mesma construção morfológica vista em outras línguas da família Nambikwára, ou seja, a presença de um elevado número de afixos (caracterizando a polissíntese da língua), sendo apenas a posse marcada de forma prefixal. O nome é considerado uma classe de palavras aberta e tem como subcategoria os pronomes livres, esses, por sua vez, são considerados de tal forma por apresentarem o mesmo

comportamento sintático dos nomes e por receberem parte da morfologia nominal, segundo a autora. A representação da construção do nome em Sararé é apresentada da seguinte forma:

Quadro 12 - Construção nominal em Sararé (BORELLA, 2005).

Nome				
Prefixos	Raiz	Sufixos		
+ Prefixos Flexionais	+ Raiz	$\pm$ Sufixos Derivacionais	$\pm$ Sufixos Formativos	+ Sufixos Flexionais
$\pm$ Posse	+ Raiz + Raiz	$\pm$ Classificadores	$\pm$ Sufixos variados	$\pm$ Referencial $\pm$ Específico

Os morfemas que apresentam o sinal “ $\pm$ ” podem ou não ser obrigatórios, entretanto, isso não significa dizer que os demais morfemas apareçam de forma opcional. O que justifica essa realização é o fato de ela “promover ou não diferenciações semânticas e/ou morfológicas da raiz a qual se afixa” (BORELLA, 2005, p.3). A exemplo disso, como veremos mais adiante, tem-se a marca de inalienabilidade, prefixo que será obrigatório quando o nome significar partes do corpo ou termos de parentesco.

Os sufixos derivacionais classificadores, constante no quadro acima, estabelecem a característica física da raiz. Sua afixação será obrigatória quando, o mesmo, promover uma distinção entre termos semelhantes (ver ex.: 68 e 69). Os sufixos formativos representam uma categoria que se une à raiz, mas que não podem ser interpretados da mesma forma que os sufixos derivacionais e flexionais (cf. TELLES, 2002; BORELLA, 2005). Em Sararé, os morfemas *-nã*, *-so*, *-ʔana*, *-na* e *-te* são sufixos que, respectivamente, representam a ideia de: plural geral, somente, enforque, coletividade, locativo e dêitico (ver ex.: 70 e 71). Já os sufixos flexionais *-su*, *-sa* e *-a* são obrigatórios, visto que são eles que estabelecem a diferença entre um nome e um verbo (ver ex.: 72 e 73, salvo os

casos em que houver um sufixo formativo, uma vez que alguns podem dispensar o uso dos flexionais. Vejamos³⁹:

68) sɬ-su

nuvem-REF

‘nuvem’

69) sɬ-**kalo**-su

nuvem-CL:s superfície plana/unidimensional-REF

‘céu’

70) wali-**nã**-su

mandioca-pl-REF

‘muitas mandiocas’

71) halow-**na**

campo-loc

‘no campo’

72) tɔ̃-hu-ki-**su**

PS1-arco-CL:redondo/oblongo-ref

‘meu arco’

73) tɔ̃-hu-ki-**na-la**

PS1-arco-CL: redondo/oblongo-evid.visual-asp.perf.M

‘é meu arco’

4.2.1.2 A expressão de posse descrita por Borella (2005)

Assim como poderemos observar em algumas línguas Nambikwára, os prefixos possessivos em Sararé também são formas reduzidas dos pronomes pessoais livres. Vejamos:

³⁹ Os exemplos de 68 a 73 foram retidos do manuscrito de Borella (2005, p.2-6). E os morfemas em destaque, nos exemplos, são grifo da autora.

Quadro 13 - Resultado da redução dos pronomes pessoais livres, adaptado de Borella (2005, p.9).

Pessoa	Pronomes pessoais livres	Prefixo possessivo
1ª S	tajna	tə–
1ª P	maʔlana	məla–
2ª S/P	majna	mə–

No quadro acima vê-se que não há a presença de uma terceira pessoa, tanto para os pronomes pessoais livres quanto para a marca de posse, este é marcado pela forma reduzida *teʔe-*, do pronome demonstrativo *teʔena-*. Segundo Borella (2005), as formas de singular e plural são distintivas apenas para a primeira pessoa, a segunda pessoa apresenta o mesmo morfema para marcar o número.

Nessa língua, os nomes dividem-se em duas classes: os nomes possuíveis (elementos da cultura material, animais domesticáveis e espaços habitáveis) e não possuíveis (animais não domesticáveis, elementos da natureza, flora, fauna). Como os nomes não possuíveis não recebem morfologicamente uma marca possessiva, nos ateremos apenas aos nomes possuíveis. No entanto, é interessante destacar que, segundo Borella (2005), quando um nome não possuído precisar ser referenciado com um possuidor, este, por sua vez, será representado por uma raiz nominal nula *-jeki-*. Esses nomes ou fazem parte da culinária Sararé, ou são nomes de frutas.

74) tə-**jeki**-ki-su

PS1-Rn-CL: redondo/oblongo-ref

meu (mamão)

Já os nomes possuíveis, segundo Borella (2005), subdividem-se, semântica e morfologicamente, em alienáveis e inalienáveis e podem ou não

serem referidos com um possuidor. Nos nomes alienáveis estão presentes os termos que fazem parte da cultura material Sararé, espaços habitáveis e animais domesticáveis. A marca de posse para esses nomes não é obrigatória⁴⁰.

75) **sih-su**

casa-ref

‘casa’

76) **tã**-sih-su

PS1Sg-casa-ref

‘minha casa’

77) **mã**-sih-su

PS2Sg-casa-ref

‘tua(s) casa’

78) **teʔe**-sih-su

PS3Sg-casa-ref

‘casa dele’

4.2.1.3 A inalienabilidade em Sararé

Os nomes inalienáveis, compreendem os termos de parentesco e as partes do corpo. No caso dos nomes inalienáveis, mesmo quando este, em contexto de fala, estiver fazendo referência a um possuidor específico, a marca de inalienabilidade **a-** estará obrigatoriamente presente, visto que ela coocorre com outros prefixos. Vejamos⁴¹:

79) **a-ne-ki-su**

I-cabeça-CL:redondo/oblongo-ref

‘cabeça’

⁴⁰ Os exemplos de 74 a 78 foram retirados de Borella (2005, p.31-32).

⁴¹ Exemplos 79 e 82 foram retirados de Borella (2005, p.3).

80) tə-**a**-ne-ki-su

PS1Sg-I-cabeça-CL:redondo/oblongo-ref

‘minha cabeça’

81) a-tih-su

I-sangue-ref

‘sangue’

82) teʔe-**a**-tih-su

PS3Sg-I-sangue-ref

‘sangue dele(s)’

Ainda segundo Borella (2005), a marca de inalienabilidade será sempre obrigatória mesmo diante de outro prefixo possessivo (ver exemplos 80 e 82, acima); composição nominal (ex. 83) ou em locução nominal (ex. 84)⁴².

83) janali-**a**-ia-su

onça-I-cova-ref

‘boca da onça’

84) Clarice Rodrigo **a**-hajka-nũ-su

Clarice Rodrigo I-mãe-T.C.parentesco-ref

‘Clarice é mãe de Rodrigo’

Em situações em que a cláusula nominal, que caracteriza a posse, for composta por um nome próprio e um nome alienável, essa construção se dará através de uma justaposição, o que irá facilitar a distinção entre os termos, será a ordem dos constituintes, uma vez que o possuidor será o núcleo e ocupará a primeira posição da cláusula (ex.: 85). Quando a composição envolver nome

⁴² Exemplos 83 e 84 foram retirados de Borella (2005, p.18).

alienável mais nome inalienável, este último, mesmo numa relação genitiva, será precedido pelo morfema de inalienabilidade (ex.: 86 e 87)⁴³.

85) Pedrinho sih-su

Pedrinho casa-ref

‘casa do Pedrinho’

86) hu-ki-**a-ia**-su

arco-CL:redondo/oblongo-l-boca-ref

‘cano da espingarda’. *Lit.* ‘boca do arco’

87) ia-kata-**a-su**-su

boca-ser duro-l-osso-ref

‘osso de/do porco queixada’

Borella (2005) afirma ser o Sararé a única língua da família Nambikwára do Sul a apresentar uma marca obrigatória de inalienabilidade, distinta dos prefixos possessivos. Nas outras línguas da família a forma *a-* pode aparecer em nomes alienáveis e inalienáveis, além de ter a função prefixal de terceira pessoa.

4.2.2 Kroeker (2003)

4.2.2.1 A constituição nominal das línguas Nambikwára do Sul

Os estudos realizados por Kroeker (2003) apresentam uma abordagem que envolve algumas línguas Nambikwára do Sul. De acordo com o autor (2003, p.4), essas línguas são aglutinantes, “com a maior parte da informação carregada por sufixos à raiz verbal e, em grau menor, por sufixos à raiz nominativa”. A constituição nominal dessas línguas apresenta oito afixos adicionados à raiz (substantivo), sendo ela o núcleo do substantivo.

⁴³ Os exemplos de 86 a 87 foram retirados de Borella (2005, p. 24 e 46).

Quadro 14 - Estrutura máxima na constituição nominal das línguas Nambikwára do Sul. Adaptado de Kroeker (2003).

Prefixo de posse	Substantivo (raiz)	Classificador de configuração	Grupo	Enfatizador de certeza	Sufixo de moldura temporal	Demonstrativo	Clítico negativo	Artigo
------------------	---------------------------	-------------------------------	-------	------------------------	----------------------------	---------------	------------------	--------

Sobre esses sufixos, é importante destacar que – apesar da nomenclatura aparentar conceituar outras categorias sufixais – podemos relacioná-los com outros tipos de sufixos já vistos nesse capítulo. Os classificadores de configuração, por exemplo, têm o mesmo conceito dos classificadores apresentador por Eberhard (2009) e Araújo (2004), assim também como pode ser visto em Telles (2002); o sufixo de grupo caracteriza a marca plural do nome; já o enfatizador de certeza, segundo Kroeker (2003), tem a função de realçar a qualidade inerente do substantivo – esse conceito é o mesmo expresso por Eberhard (2009); o sufixo de moldura temporal é interpretado como um ponto de referência conhecido, que identifica em que momento no tempo o substantivo está sendo referido; o demonstrativo apresentado por Kroeker (2003) apresenta as mesmas características vistas em Eberhard (2009) e substitui o sufixo-artigo, que indica a precisão na mente do falante; por último, o clítico negativo que, pode substituir o sufixo-artigo, é adicionado ao objeto de sentenças não-verbais para expressar a negação. É interessante destacar que, “a moldura temporal, o demonstrativo e o artigo são mutuamente exclusivos. Somente um destes sufixos pode ocorrer em determinado substantivo” (KROEKER, 2003, p.70).

4.2.2.2 A expressão de posse vista em Kroeker (2003)

A posse, elemento essencial desta pesquisa, é a única a ocupar a posição prefixal, podendo ser realizada de forma opcional ou obrigatória. Os prefixos possessivos são limitados a quatro tipos de morfemas. Vejamos:

Quadro 15 - Prefixos possessivos KROEKER (2003).

Pessoa	Prefixo de posse
1	txa-
2	wxa-
3	a-
1 + 2	txawa-

Percebe-se, no quadro acima, que não há distinção entre a marca de posse plural e singular, isto é, a língua não marca o número no prefixo de posse, apenas a pessoa. E não há também a forma dual. A forma *txawa-* representa o morfema inclusivo de posse de primeira e segunda pessoa. Vejamos os exemplos abaixo⁴⁴:

88) **txa-hukxi-su-na-la**

PS1Sg-arco- INDEF-EQUA-PF

‘é meu arco’

89) **wxa-hukxi-su-na-la.**

PS2Sg-arco- INDEF-EQUA- PF

‘é seu arco’

90) **a-hukxi-su-na-la**

PS3Sg-arco- INDEF-EQUA-PF

‘é o arco dele’

⁴⁴ Os exemplos de 88 a 91 foram retirados de Kroeker (2003, p. 60-61).

91) **txawã-hukxi-su-na-la**

PS1+2-arco-INDEF-EQUA-PF

'é nosso (inc) arco'

4.2.2.3 Sobre a inalienabilidade

Não há, em Kroeker (2003), nenhuma discussão acerca da (in)alienabilidade dos nomes. O autor salienta apenas que alguns substantivos são inalienavelmente possuídos. Esses substantivos referem-se às partes do corpo; em outros, a indicação de posse fica a critério do falante. Vejamos⁴⁵:

92) **a-hxikx-a**

PS3Sg-mão- DEF

'a mão dele.'

93) **intxa a-hxikx-a**

homem PS3Sg-mão-DEF

'A mão do homem.'

Ao fazer uma comparação do exemplo 92 com o exemplo 90, tendo em vista que se referem a mesma pessoa do discurso, percebe-se que não há nenhuma marcação que diferencie ambos os tipos de posse. Um fator interessante, relacionado aos substantivos que nomeiam as partes do corpo, diz respeito à sua incorporação à raiz verbal. Quando os termos relacionados as partes do corpo são incorporados aos verbos estativos, significa que “a parte mencionada se refere à verdadeira parte do corpo mesmo” (ex.: 94), quando os verbos são transitivos e intransitivos, “a parte do corpo é usada de maneira figurada para indicar o local específico da ação”. (KROEKER, 2003, p.92). Vejamos:

⁴⁵ Os exemplos 92 e 93 foram retirados de Kroeker (2003, p. 60)

94) **sūntaxt-ait-ã wxi-ŋ-sa-hẽ-la.**

a tarde-T.P-DEF dente-dor-O.1SG-P- PF

'ontem à tarde, estive com dor de dente.'

95) **prekaciaũ- hala-kwãt-a-hẽ-la.**

prego INSTR-SI.meio-dobrar-1SG-T/E.IO.P-PF

'dobrei o prego perto do meio.'

96) **prekaciaũh- yxeta-kwãt-a-hẽ- la.**

prego INSTR-NI.pescoço-dobrar-1SG-T/E.IO.P-PF

'dobrei o prego perto da cabeça.'

4.3 ARAÚJO (2004)

4.3.1 Constituição nominal em Sabanê

De acordo com Araújo (2004) a constituição nominal do Sabanê apresenta elementos morfológicos obrigatório (raiz e sufixos referenciais, este último apenas quando a palavra for proferida fora de um contexto) e opcionais (prefixos possessivos, prefixos derivativos e classificadores), sendo construída da seguinte forma:

Quadro 16 - Constituição nominal em Sabanê (ARAÚJO, 2004, p. 89).

Nome						
(INFLEXÃO)	RAÍZ	(RAIZ)	(DERIVAÇÃO)		INFLEXÃO	
		(RAIZ)	(TAMANHO)	(CLASS)		
POSSE		(RAIZ)	AUMENTATIVO -ta	DIMINUTIVO -mata	-anon	REFERENCIAL -mi/ -mali
		Sukwin Maysili Maysunon maytelon			-isi -amoka -akata -api -inun -iawa	
						OBJETO -k

Como pode ser observado no quadro acima, há uma classificação diferente, até então não vista em outras línguas Nambikwára, a chamada relação de inflexão, que segundo explica o autor, não altera o significado básico do nome e é exigida pelo ambiente sintático em que a raiz aparece.

4.3.2 A expressão de posse em Sabanê

Em Sabanê – assim como poderá ser verificado no capítulo 5 para o Latundê – os pronomes possessivos são componentes opcionais da construção nominal. Segundo Araújo (2004), a presença desses pronomes vai depender das intenções de uso dos falantes, e não da exigência estrutural do nome. Nessa língua, a expressão de posse se organiza da seguinte maneira:

Quadro 17 - Pronomes possessivos em Sabanê (ARAÚJO, 2004, p.98).

	1Sg	1PI	DUAL	2Sg/PI	3Sg/PI
I_C	da-	pi-	bala-	ma-	a-
I_V	d-	p-	bala-	m-	-

Os pronomes possessivos são os únicos prefixos da língua e estão sempre antecedendo o nome possuído, todos os outros morfemas são sufixais. A expressão de posse possui a mesma forma tanto para o singular quanto para o plural, quando são de segunda e terceira pessoa. No entanto, dependendo da presença, ou não, de vogal no item possuído, o pronome sofre alomorfia. Já a forma dual não sofre esse processo (cf. 24 e 25 abaixo). Vejamos⁴⁶:

97) **d-apipa-mi**

PS1Sg-mão-REF

‘minha mão’

⁴⁶ Os exemplos de 97 a 102 foram extraídos de Araújo (2004, p.99-100).

98) **da-kiliwa-mi**

PS1Sg-casa-REF

'minha casa'

99) **m-apipa-mi**

PS2Sg-mão-REF

'tua mão', 'tuas mãos'

100) **bala-kiliwa-mali**

DUAL-casa-REF

'nossa (minha + sua) casa'

101) **bala-ani-mi palit-i-al-i**

DUAL-lenha-REF cortar madeira-VS-PRES NEUT-ASSR

'ele/ela corta nossa lenha.'

A terceira pessoa, singular ou plural, quando seguida de uma vogal ou semivogal (glide) não terá a realização fonética do pronome possessivo.

102) **-apipa-mi**

PS3Sg-mão-REF

'mão dele', 'mãos deles'

A representação morfológica da primeira pessoa do discurso, na língua, não é restrita apenas aos pronomes pessoais. A construção possessiva de primeira pessoa pode ser usada para substituir o pronome pessoal (ex.: 99) abaixo)⁴⁷. No entanto, os dois pronomes também podem aparecer simultaneamente na mesma oração⁴⁸ (ex.: 100).

⁴⁷ Os exemplos 103 e 104 foram retirados de Araújo (2004, p.168).

⁴⁸ Para o Latundê essa substituição é invertida, ou seja, são os pronomes pessoais livres que podem substituir a marca de posse (TELLES, 2002).

103) **d-oto-takatabala-n-al-i**

PS1Sg-flechas-CL: longo-DUAL-VS-PRES NEUT-ASSR

'eu tenho duas flechas.'

104) **towali d-wayulu palan-i-al-i**

1S PS1Sg-cachorro não ter-VS-PRES NEUT-ASSR

'eu não tenho nenhum cachorro'.

Diferentemente do que é apresentado no Latundê, a língua Sabanê não utiliza uma marca de posse em construções genitivas. A relação possessiva é dada sintaticamente, uma vez que o núcleo do composto nominal ocupa a segunda posição. Vejamos⁴⁹:

105) **maysunon.wayulu-mi**

menino.cachorro-REF

'cachorro do menino'

Em sentenças predicativas em que, semanticamente, a posse está inserida, não há a marca morfológica da mesma.

106) **kolu?kolu?-mi ina m-i-al-i**

(um par de) tesouras-REF DEM 1OBJ-VS-PRES NEUT-ASSR

'esta (par de) tesoura é minha'

Às relações genitivas não é atribuído nenhum morfema que identifique a relação de posse. O núcleo do composto será marcado sintaticamente sempre à direita da composição nominal. Vejamos⁵⁰:

⁴⁹ Os exemplos 105 e 106 foram retirados de Araújo (2004, p. 101).

⁵⁰ Os exemplos 107 e 108 foram retirados do mesmo autor (p. 113)

107) **maysunon.wayulu** –mi
 menino.cachorro –REF
 ‘cachorro do menino’

108) **Gabriel.maliwunon** –mi
 Gabriel.balde –REF
 ‘balde de Gabriel’

4.3.3 A representação da inalienabilidade em Sabanê

O Sabanê não distingue elementos alienáveis de inalienáveis. Não há nenhuma expressão morfológica que indique que os nomes considerados inalienáveis pela literatura sejam identificados como tais. Entretanto, para esta língua, segundo Araújo (2004), há a hipótese de que alguns nomes tenham sofrido a perda do morfema que poderia caracterizar a inalienabilidade. Essa hipótese é baseada na existência de um /i/ ou /a/ no início de palavras que representam partes do corpo e partes de animais. O autor apresenta uma Quadro que mostra a organização dessas palavras. Abaixo segue um resumo dessas palavras:

Quadro 18 - Palavras que sinalizam algum indicio de inalienabilidade (ARAÚJO, 2004, p.102).

i-		a-	
ïama	sangue	amola	barriga
iasalali.si	coração	ana.si	cabeça
ïeku.si	pele	anaypakata	braço
ïkayla	unha	anaypanon	axila
ïkuku.si	olho	anekelo-si	mamilo
ïli	fígado	apipa	mão
ïney	perna	asisipawlo	nádegas

O autor explica ainda, que por ser uma característica das línguas da família Nambikwára apresentar uma marca morfológica de inalienabilidade, a relação entre os substantivos que dão nome a partes do corpo e partes de animais começarem por essas vogais sinaliza que nessa língua possa ter havido algum morfema de inalienabilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como um dos objetivos principais era o de estabelecer uma comparação entre os sistemas de marcação de posse das línguas pertencentes ao grupo Nambikwára, este trabalho apresentou um panorama geral dos estudos referentes à morfologia do nome nessas línguas. Entender como se dá o processo da estruturação da morfologia nominativa é importante para compreendermos a complexidade linguística que pode haver entre línguas pertencentes à mesma família. Nas línguas Nambikwára, percebeu-se que a morfologia de posse das línguas advém de formas reduzidas dos pronomes pessoais livres, com alguma exceção do Sabanê, que apresenta diferença entre as três pessoas do singular, como podemos ver no quadro 19, abaixo.

Quadro 19 - Comparação dos Pronomes pessoais das línguas Nambikwára.

Pessoa	Latundê	Mamaindê	Negarotê	Nambikwára do Sul	Sararé	Sabanê
1ª S	'taja	'tai	'tai	'txaili	'taina	'towali
2ª S	'waja	'wai	'wai	'wxãina	'maina	'uli-
3ª S	'hãja	'hãi	'hãĩ	'tena	-	-
1ª P	'nũh	-	'nũsja	-	'maʔlana	'pi-
2ª P	'waja	-	-	-	'maina	-
3ª P	'awja	-	-	-	-	-

Como pode ser notado em relação aos pronomes pessoais, entre as línguas Nambikwára, há poucas distinções fonológicas entre as formas morfológicas. Com base nos dados apresentados, o Latundê é a única língua da

família a apresentar morfologia para todas as pessoas gramaticais. No quadro 19, na página anterior, percebe-se que não há os pronomes das pessoas plurais para o Nambikwára do Sul, toda vez que houver a necessidade de marcar a forma livre da pessoa plural será obrigatoriamente acrescido o morfema *-nãuxa* (KROEKER, 2001). As demais línguas aparentadas que não apresentam formas morfológicas para as pessoas plurais, marcam o plural no contexto da fala ou através de um classificador plural afixado ao nome.

A categoria dos pronomes pessoais é considerada uma classe gramatical fechada nas línguas e funcionam de forma livre dentro da sentença (com exceção do Nambikwára do Sul). Nas línguas Nambikwára do Sul, os pronomes pessoais, segundo Kroeker (2003, p. 70), “ocorrem com mais frequência como formas presas ou como sufixos que marcam a pessoa do verbo”, a realização de pronomes pessoais livres é rara. Para o Sararé, não encontramos informações sobre a possibilidade de haver substituição de um pronome pessoal livre por um prefixo possessivo. Contudo, segundo Borella (2004), há hipótese de outra forma morfológica para a realização de um pronome pessoal preso afixado ao verbo, esta não foi identificada no material consultado. No Sabanê, essa substituição é invertida, ou seja, o prefixo possessivo pode substituir o pronome pessoal de primeira pessoa.

As línguas da família Nambikwára estabelecem para si um sistema de marcação de posse similar: os prefixos possessivos derivam-se de uma redução dos pronomes pessoais e ocupam a posição prefixal ao nome. É possível perceber também que quanto mais distante é a relação de parentesco entre as línguas, ou quanto mais distante geograficamente estão localizados os grupos indígenas, mais diferenças morfológicas podem ser encontradas – como, por exemplo, pode ser observado no quadro 19 as diferenças morfológicas existentes entre o Sabanê, língua mais afastada da família, e o Latundê.

No quadro 20, página 85, podemos ver um panorama dos prefixos possessivos nas línguas Nambikwára, as línguas que estabelecem marcas morfológicas para as relações genitivas e as línguas que marcam morfologicamente a inalienabilidade.

Quadro 20 - Comparação das marcas de posse nas línguas Nambikwára.

Língua Pessoa	Nambikwára do Norte			Nambikwára do Sul		
	Latundê	Mamaindê	Negarotê	Nambikwára do Sul	Sararé	Sabanê
1 Sg	tã-	ta-	tã-	txa-	tã-	d-/da-
2 Sg	wã-	wa-	wã-	wxa-	mã-	m-/ma-
3 Sg	ã-	na-	nã-	a-	teʔe-	a-
1 Pl	nũh-	nũsa-	nũs-	txawa-	mãlã-	p-/pi-
2 Pl	wã-	-	-	-	mã-	m-/ma-
3 Pl	ã-	-	-	-	-	-
Genitivo	-ã-	-ã-	-a-	-	-	-
Inalienabilidade	-	-	-	-	a-	i-/a- (?)

No quadro 20 (p. 85), é possível perceber que os prefixos possessivos descritos, apresentam ainda mais semelhanças morfológicas entre as línguas que os pronomes pessoais. A posse de primeira e a segunda pessoa singular, para as línguas Nambikwára do Norte são praticamente idênticas; já as línguas do Ramo do Sul e o Sabanê apresentam algumas diferenças fonológicas. A maior diferença existente entre os prefixos possessivos pode ser encontrada na marca de primeira pessoa do plural e na ausência de prefixos de posse para segunda e terceira pessoa do plural. Após leitura dos estudos feitos com estas línguas, pode-se observar que o Latundê é a única língua a apresentar prefixo de posse para todas as pessoas, assim como os pronomes pessoais.

No que diz respeito às composições nominais que apresentam relações genitivas, pode-se concluir que as línguas do Ramo do Norte são as únicas, até o presente momento, a apresentar um morfema que estabelece essa relação. No entanto, para as outras línguas, mesmo não havendo essa marca, sintaticamente, o núcleo do composto nominal, ou seja, o elemento possuído, ocupa a segunda posição.

Um dos principais pontos deste trabalho também foi averiguar como o conceito de alienabilidade e inalienabilidade se aplica às línguas Nambikwára. Para o Latundê, não foi encontrada – nem em Telles (2002), nem durante a análise dos dados para esta pesquisa – nenhuma distinção morfológica entre os nomes alienáveis e inalienáveis. Contudo, tanto para o Latundê, quanto para as demais línguas que também não apresentaram essa marca, atesta-se um sistema de posse inerente, ou seja, os nomes são semanticamente possuídos embora não apresentem nenhum morfema para isso. O *i-* e o *a-* nos nomes referentes às partes do corpo, em Sabanê, nos mostram a hipótese de ter havido nessa língua uma marca de inalienabilidade. Já no Mamaindê, as palavras que designam partes do corpo sempre aparecerão com o prefixo de primeira pessoa do plural (EBERHARD, 2009).

Dos estudos já realizados, a língua Sararé foi a única da família Nambikwára a apresentar uma marca morfológica de inalienabilidade. No entanto há a probabilidade de esse cenário linguístico das línguas dessa família mudar.

Atualmente, estudos feitos Edney Belo⁵¹, com a língua Hahãintesu, língua Nambikwára pertencente ao ramo do Sul, Vale do Guaporé, tem apresentado um sistema de posse que marca a inalienabilidade em todos os nomes referentes a partes do corpo com o morfema *a-* ~ *ã-*, que também é o morfema de terceira pessoa e marca as relações genitivas. Esses estudos ainda requerem várias checagens, mas, pelas conversas com o estudioso, tudo indica que o Hahãintesu é mais uma língua que apresenta uma distinção entre nomes alienáveis e inalienáveis.

Ao analisarmos as semelhanças existentes no uso do morfema *ã-* nas línguas Nambikwára, algumas hipóteses podem ser levantadas, entre elas, podemos nos questionar sobre a possibilidade de haver alguma correlação entre o prefixo possessivo de terceira pessoa do singular, a marcação de inalienabilidade e de genitivo.

É possível que a ausência de uma marca de inalienabilidade nas demais línguas, dê-se a alguns fatores como: 1) a evolução natural da língua que permite que a língua perca as características menos marcadas ou que agregue a mesma outras formas linguísticas para representar o mesmo fato; 2) a interferência de outras línguas vizinhas, que muitas vezes provoca uma assimilação das marcas linguísticas; ou 3) de não haver manutenção do uso. Fazer um estudo que tente confirmar esses três pontos se torna muitas vezes inviável devido à escassez de estudos tipológicos que analisem uma mesma língua diacronicamente.

⁵¹ Em comunicação pessoal com Belo, pudemos ter mais ou menos uma ideia de como a língua Hahãintesu estabelece o sistema de posse. Não apresentamos essa língua junto as outras por se tratar de um estudo recente, ainda em andamento.

REFERÊNCIAS

ANONBY, Stan; EBERHARD, David. *A Survey of Three Northern Nambiquara Groups: The Mamaindê, Negarotê, and Latundê*. SIL, 2008.

ARAÚJO, P. J. P. *Domínios conceituais das construções locativas, existenciais, comitativas e possessivas em línguas bantas*. 245p. tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013

ARAÚJO, Gabriel A. *A Grammar of Sabanê: A Nambikwáran Language*. LOT Press, Netherlands, 2004.

BORELLA, Cristina de Cassia. Manuscrito sobre a morfologia do nome no Sararé, 2000.

BRAGA, A. G. M. *Fonologia Negarotê: Análise Fonológica da Língua do Grupo Negarotê (Família Nambikwára)*. Tese de doutorado. Recife/Amsterdam: Vrije Universiteit, 2017.

DIXON, R. M. W. *Basic linguistic theory*. Vol. 2. Oxford: Oxford University Press, 2010.

EBERHARD, D. *Mamaindê Grammar: A northren Nambikwáran language and its cultural context*. Netherlands: LOT Press, 2007.

_____. *Os classificadores nominais da língua Mamaindê*. SIL, 2015.

FREITAS, M. L. A. *Estudos sobre os nomes em Mbyá Guarani: a posse*. In. DUARTE, F. B. (Org.). *Cisão de caso, telicidade e posse em línguas indígenas brasileiras*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007. p. 65-75.

GURJÃO, Victor. *Posse: conceito, teorias fundamentais e classificação*. Jusbrasil, Salvador-BA: 2016. Disponível em: <<https://victorgurjao.jusbrasil.com.br/artigos/207694906/posse-conceito-teorias-fundamentais-e-classificacao>>. Acesso em: 04/05/2018.

HEINE, Bernd. *Possession. Cognitive Sources, Forces, and Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

KRAUSS, M. E; Keynote - Mass Language Extinction and Documentation: The Race against Time. In. _____ (Org.) *The Vanishing Languages of the Pacific Rim*. Oxford. 2007.

KROEGER, M. *Gramática descritiva das línguas Nambikuara*. *International Journal of American Linguistics*. volume 67, n.1, The University of Chicago Press, 2001.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. *Sobre indigenismo, autoritarismo e nacionalidade: considerações sobre a constituição do discurso e da prática da "proteção fraternal" no Brasil*. In: OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero: Ed. UFRJ, 1987. p. 149-204.

LUCCHESI, D., and ARAÚJO, SSF. *O sistema de expressão de posse*. In: LUCCHESI, D., BAXTER, A., and RIBEIRO, I., orgs. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 489-511. ISBN 978-85-232-0875-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 20/05/18.

MOORE, D. *Brazil: Language situation*. In: BROWN, K. (Ed.) *Encyclopedia of languages and linguistics*. 2ª Edição, vol. 2: 117-127. Amsterdã: Elsevier, 2005.

NETTO, L. A. S. *Fonologia do grupo Nambikwára do campo (Nambikwára do Sul)*. Dissertação de Mestrado. Recife/UFPE, 2018.

NICHOLS, Johanna 1988. *On alienable and inalienable possession*. In: Shipley (ed.) 1988. Pp. 557-609

PEREIRA, P. H. da S. *Aspectos morfossintáticos da marcação de posse nominal em línguas Ameríndias*. Campinas, SP. 2016.

PRICE, David. *Nambikwára society*. Tese (Doutorado em Antropologia). University of Chicago: Chicago, 1972.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p. Disponível em: <<http://www.laliunb.com.br>>. Acesso em: 29/08/2017.

_____. *A originalidade das línguas indígenas brasileiras*. Conferência proferida por ocasião da inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 8 de julho de 1999.

_____. *Contribuições das línguas brasileiras para a fonética e a fonologia*. *Language in the Americas* (org. por D. F. Solá) 263-267. Ithaca: Cornell University. 1984.

ROQUETE-PINTO, Edgard. Rondônia. 2.ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919. Disponível em: <<http://www.archive.org/stream/rondonia00roqu#page/n5/mode/2up>>. Acesso em <02/08/17>

SEKI, Lucy. *Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI*. Impulso, Piracicaba, v. 12, n. 27, p. 233-246, 2000. Disponível em: http://projetos.unioeste.br/projetos/cidadania/images/stories/Fevereiro/linguas_indgenas_do_Brasil_no_limiar_do_sculo_XXI.pdf. Acesso em <14/08/17>.

STASSEN, Leon. *Predicative possession*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

STOLZ, Thomas; KETTLER, Sonja; STROH, Cornelia; URDZE, Aina. *Split Possession: An areal-linguistic Study of the alienability correlation and related phenomena in the languages of Europe*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

TELLES, S. *Fonologia e Gramática Latundê/Lakondê*. Amsterdam: Vrije Universiteit, 2002.

_____. *Dicionário Preliminar Latundê/Lakondê-Português*. Vrije Universiteit Amsterdam, 2002.

VIANA, M. A. S. *Do Conceito Moderno de Posse*. Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 1986.